

LILI BIRUTA

HISTÓRIA E REALIZAÇÃO DE SRICO CRAMER

PERSONAGENS:

LILI.....MARLY BUENO
NARRADOR.....GRACA GUIMARAES
PATRÃO.....VINÍCIUS SALVADORI
1ª VELHOTA.....NORAH FONTES
2ª VELHOTA.....MARLENE NERY
MÃE.....PAULA SHELL
PAI.....NELSON GIANUCA
FILHO.....ANTONIO LARA
A OUTRA.....SILVIA LÚCIA

CENARIOS:

- 12) A PRAÇA DE SEMPRE COM AS COLUNAS E O BANCO
22) SALA DE ESCRITÓRIO COMERCIAL COM PORTA AO FUNDO, UM BUREAU À ESQUERDA E GABINETE À DIREITA.
32) SALA DE JANTAR DE CASA FINA COM PORTA À ESQUERDA E GRANDE PORTA ENVOLVIDADA AO FUNDO, DANDO PARA UM JARDIM BONITO. (PAINEL E VIVO)

DATA DA APRESENTAÇÃO.....

TV PIRATINI - CANAL 15

SLIDE - (Os de costume)

ÁUDIO - PREFIXO MUSICAL

APERTURA em: DET de jornal levantado bem à frente do rosto de Lili que já se escondida pelo mesmo.

APARTAMENTO até P.A. de LILI, no banco.

NARRADOR - Lili...oh Lili... (PAUSA) Lili, você não ouve?

LILI BAIXA O JORNAL E OLHA PARA A CÂMERA

LILI - Quem é que está me chamando?

NARRADOR - Sou eu, Lili.

LILI - Ah, como vai você?

NARRADOR - Como Deus quer e consente. Como uma folha caída, levada pela corrente.

LILI ADOROU O VERSO E ARRIBALA OS OLHOS ENTUSIASMADA.

LILI - Ah, que beleza... Como é? Como é? Dig-me outra vez que eu quero aprender.

NARRADOR - Como Deus quer e consente. Como uma folha caída, levada pela corrente.

LILI - Como Deus quer e consente... como uma folha caída, levada pela corrente...

PAZ EXPRESSÃO E GESTO DE QUEM TORNOU A REPETIR, MENSALMENTE.

LILI - Agora já sei. Tomara que alguém me pergunte como é que eu vou que eu já aplico o versinho. (LEIC TOM) Como uma lata vazia pendurada na corrente...

NARRADOR - Mas Lili, você está procurando emprego outra vez?

LILI - Claro. Você sabe que eu não tenho norte mesmo, não posso fazer outra coisa, não é?

NARRADOR - É, tem razão. Você já encontrou algum que lhe agrade?

LILI - Encontrei. Tem aqui um, ó... quer ver? (LEND) Agência de publicidade, encarregada de pesquisas várias, precisa de duas moças para serviço de estatística. Forneco numerário para condução: (P e T.) que é isso que eu não entendi?

NARRADOR - Numerário?

LILI - Sim.

NARRADOR - Numerário é dinheiro. Quer dizer que eles pegam a condução para as pessoas se transportar de um lugar ao outro.

LILI - Ah é? Então eu vou lá agora mesmo. Vou a pé, chego lá digo que fui de bonde... e já cobro o dinheiro de passagem. Ah, e digo que fui de ônibus que é caro pra burro. Agora que aumentou o preço...

LILI LEVANTA E DOBRA O JORNAL, DÁNDO UM ADEUS À CÂMERA.

LILI - Tchau. Eu vou já pra não perder o emprego, sabe?

NARRADOR - Está bo, Lili, vá. Felicidades pra você.

LILI - Obrigadinha.

LILI SAI PARA UM LADO, PERMANECENDO UM MOMENTO A PRAÇA VAZIA.

CORTE

P.O. de SALA DE ESCRITÓRIO.

DUAS VELHOTAS estão sentadas.

1ª VELHOTA - Você não acha uma desconsideração o que esse cachorro está fazendo com a gente?

2ª VELHOTA - (PATETONA) O que é que ele está fazendo? Eu não sei... não vi nada....

1ª VELHOTA - Como não viu? Então ele não nos disse que esperásemos um momento que ele ia resolver o assunto lá dentro e já não estamos esperando há mais de uma hora?

2ª VELHOTA - Será?... Não sei, não.

1ª VELHOTA - Meu Deus. O que é que a senhora vê? Já vi que seus óculos não lhe adiantam nada. A senhora....

1ª VELHOTA CORTA SÚBITAMENTE O QUE IA DIZER E FAZ SINAL A OUTRA DE QUE VAI CHEGANDO ALGUÉM. COMEÇA A EXAMINAR A OUTRA COM AR DE DESDEM, FAZENDO SINAIS PARA A 2ª VELHOTA. LILI ENTRA PELA CÂMERA E OUBRIMENTA AS DUAS, INDO LOGO ENCOSTAR-SE À GRADE.

LILI - Bom dia...

AS DUAS - (BEM SECAS) Bom dia.

LILI - Não tem ninguém para atender a gente aqui nesse baiuca?

1ª VELHOTA - Tem um tal educado que há mais de uma hora preencheu essa ficha, levou lá dentro para resolver e até agora não apareceu.

2ª VELHOTA - Mas ele aparece. Daqui a pouco ele dá a carte por aí.

LILI - Ah, é dá mesmo. Vocês querem ver como ele dá?

LILI COMEÇA A BATER COM FORÇA NO SALÃO

CHENE - (P.Q.) (NUM MONSTROSO BERRO QUE ASSUME TÁ AS MRS) Já vai. São precisa bater dessa maneira. Espere se quiser, se não quiser vá embora.

LILI QUE LEVOU UM ENORME BUSTO, O MIA PARA AS DUAS MUITO SEM GRAÇA E SEM SORRISO AMARELO...

LILI - Delicado que ele é...

1ª VELHOTA - (CHEIA) Muito...

LILI - Uma voz tão macia... tão suave...

1ª VELHOTA - É.

LILI CAMINHA PARA A CADEIRA E SENTA NO MEIO DAS DUAS VELHOTAS. REPARA UMA E DEPOIS OUTRA.

1ª VELHOTA - Que foi?

LILI - (SORRINDO, SEM BASTO) Não, senhora nada... eu... eu estava só olhando... (P. e T) A senhora... a senhora também é candidata ao emprego?

2ª VELHOTA - Eu sou, sim, senhora.

LILI - A senhora também?

1ª VELHOTA - Também. Por que?

LILI - Bem, mas... são candidatas a esse emprego em que pedem duas moças?

1ª VELHOTA - Exatamente mesmo. Por que? Acontece a senhora sabe que eu não sou moça?

1ª VELHOTA LEVANTA E DÁ UMA VOLTA SOBRE SI MESMA, À FRENTE DE LILI.

1ª VELHOTA - Olhe-se bem a um espelho e há de ver que a nossa diferença é mínima.

SENTA-SE NOVAMENTE NO MESMO LUGAR EM QUE ESTAVA.

LILI - A... a senhora acha?...

1ª VELHOTA - Claro, Quer ver? Quantos anos a senhora tem?

LILI - Vinte tres.

1ª VELHOTA FAZ CARA DE QUE NÃO ACREDITA E OLHA PARA A 2ª VELHOTA.

1ª VELHOTA - A senhora acredita? Não acha meio forte?

2ª VELHOTA - Pode ser. Si ela tiver mais, não pode ser muito. Uns vinte cinco, talvez.

LILI - Vinte cinco, nada. Eu não estou falando com hósenas, para esconder a minha idade. Tenho vinte tres mesmo. No duro.

1ª VELHOTA - Pois bem, a senhora tem vinte tres. Eu tenho vinte sete. Não é grande diferença. Quatro anos, apenas. Quantos kilos a senhora pesa?

LILI - Bem... agora eu estou muito gorda. Estou pesando cincoenta e um kilos, imagine.

1ª VELHOTA - Cincoenta e um? Ah, então eu sou mais magra que a senhora porque peso quarenta e nove. Tenho menos kilos. Que é que falta na comparação, agora? O rosto e os cabelos. Eu não tenho rugas e nem cabelos brancos, portanto... se eu perco por quatro anos na idade... ganho por dois kilos no peso. Sou mais esbelta e elegante.

1ª VELHOTA LEVANTA E DESPILA NA FRENTES DAS OUTRAS, NUM REQUERER TOTAL.

2ª VELHOTA - A senhora se desculpe, vizinha, mas eu acio que a balança que a senhora se pesou estava mal. A senhora não pode pesar menos que a moça si.

1ª VELHOTA - Não posso? Mas não posso por que

2ª VELHOTA - Por que basta a gente olhar para uns e para outros que vê logo a diferença:

1ª VELHOTA - Ora vá tomar banho.

1ª VELHOTA PELA LILI PELA MÃO E FAZ COM QUE ELA SE LEVANTE, COLOCANDO-SE JUNTO A ELA.

1ª VELHOTA - Vela bem. Veja bem se há alguma diferença entre nós...

1ª VELHOTA BOTA AS DUAS MÃOS MEDINDO AS PRÓPRIAS CADEIRAS E VAI COLOCÁ-LAS NAS CADEIRAS DE LILI. COMO VAI APERCANDO AS MÃOS, QUANDO CHEGA NO CORPO DE LILI AS MÃOS NÃO COBRIM AS CADEIRAS.

1ª VELHOTA - Olhe aqui. Veja bem. Preste atenção. Esse é o largura das duas cadeiras agora veja... (P. e T.) Viu? Não adianta querer esconder o sol com a peneira. As medidas estão falando bem alto.

LILI FICA MUITO PREOCUPADA E VAI PARA A SEGUNDA VELHOTA

LILI - Será mesmo que eu... que eu sou mais avantajada que ela?...

A 2ª VELHOTA FAZ UM GESTO DE QUE ELA NÃO LIQUÊ. NESTE MOMENTO SURGE DA PORTA DO FUNDO O PATRÃO. AS DUAS VELHOTAS CORREM PARA O BALCÃO E LILI SEM RA, PREOCUPADA, MEDINDO AS PRÓPRIAS CADEIRAS COM AS MÃOS E indo até à 1ª VELHOTA QUE ESTÁ DE COSTAS, PARA FAZER A COMPARAÇÃO.

1ª VELHOTA - E então? Em que ficamos? Servimos ou não servimos?

PATRÃO - Vai servir uma só porque uma das vagas já foi preenchida por uma garota que esteve aqui muito cedo.

1ª VELHOTA - É esse uma qual é? Sou eu ou é ela? (APORTA A SEGUNDA VELHOTA)

PATRÃO - Vamos dar preferência à que tiver menos idade.

1ª VELHOTA - Sou eu... sou eu....

O PATRÃO, NESTE MOMENTO, VÊ A LILI, SEMPRE PREOCUPADA COM AS MEDIDAS E SE DIRIGE A ELA, INTERESSADO.

PATRÃO - Escute, maninha, o que é que você está fazendo aqui? Você também é candidata ao nosso anúncio?

LILI ACORDA E CORRE PARA O BALCÃO, INTERESSADÍSSIMA.

LILI - Si, sim, sou candidata, quero, sou, tenho vinte tres anos...

1ª VELHOTA - Fora os que namou.

LILI - (OLHA CO POUCO CASO E SEGUE) Sou solteira... fui educada nos melhores collegios da cidade e posso dar referências das casas onde já trabalhei. Quer ver?

LILI ABRE A BOLSA E COMEÇA, AFANADAMENTE A PROCURAR.

PATRÃO - Não, não... não é preciso nada disso. A senhora está admitida na outra vaga e hoje a tarde já pode se apresentar aqui para receber suas credenciais e sair nas ruas pesquisando.

LILI - Obrigadinha, mocó, obrigadinha. Então eu vou correndo em casa trocar de roupa que é para vir mais arrumadinha, tá?

LILI SAI CORRENDO PELA CÂMERA, FELIZ DA VIDA.

1ª VELHOTA - Birigaita, Horrrossa. Gorda tu não tinha mais que fazer do que vir tirar o emprego da gente? (VIRA-SE PARA O HOMEM) Escuta aqui, seu cara de mamão macho, que é que ela tem que eu não tenho? Vamos, diga. Eu gostaria de saber.

PATRÃO - Ela é bonita. Simplesmente isto. A senhora é bofe.

1ª VELHOTA DÁ UM GRITO, LEVA AS DUAS MÃOS AO CORAÇÃO E VIRA-SE DE FRENTE PARA A CÂMERA.

1ª VELHOTA - Ai... Bofe eu, Bofe eu: Bofe, Imagina bofe.

ABRE A BOLSA, TIRA U' ESPELHO, OLHA-SE E VIRANDO SE PARA O PATRÃO COM PROFUNDO DESPREZO PARA.

1ª VELHOTA - É coisa traste a pessoa, um gosto Credo.

1ª VELHOTA DÁ UMA RABANADA E SAI TODA EMPINADA.

CORTE

P.P. de PATRÃO, de grude, olhando para onde ela saiu e rindo às gargalhadas.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

APROXIMAÇÃO com G.P. de ANUNCIADORA.

Ao terminar a propaganda...

MUSIO com: G.P. de MÃE terminando de botar um prato com salada de mesa.

(A MESA É ELEGANTE E DEVE ESTAR MUITO SEM POSTA, COM UM ASSADO, UM SOPRINA, UM PRATO DE SALADA E UM PRATINHO COM

UMAS DEZ OU DOZE AZEITONAS)

CORTA

P.A. de PAI.

CORTE

P.A. dos MOIS

MÃE - Pronto. Assim que a nossa parente chegar, poderemos jantar imediatamente, se ela quiser.

PAI - Boa noite. Tomara que ela não demore.

MÃE - Eu acho que alguém deveria ir esperá-la, acho uma desconsideração a menina chegar sózinha.

PAI - Me conta qual, o que é que você quer mais que eu faça? O telegrama do meu primo diz apenas isto "ELIZABETH QUARTA FEIRA AÍ?" Não consta esse nome em nenhuma das listas dos passageiros de avião. Ir à estação de estrada de ferro ou à rodoviária não adianta porque eu não conheço a menina. Logo... a única coisa que me resta fazer é esperar. Ela deve aparecer aí a qualquer momento.

FILHO - Papai, senhor não tem nenhum retrato da garota? Não sabe se ela é bonita?

PAI - Só o que sei desse meu primo é que ele está pobre de rico e a menina é filha única.

MÃE - Que bom que o filhinho se interessasse por ela. Era o que se poderia chamar uma boca de ouro.

FILHO - Ué... se ela for bonita, eu saio com ela.

MÃE - Meu filho, essa coisa deve ser muito bem educada e melhor acostumada. Você tem a criança depois não empregar expressões chulas e nem se envergonhar de falar de graça. Isso pode impressionar mal a parente.

FILHO CAMBIA PARA O FUNDO E OLHA DE FORA DA PORTA PARA DETERMINAR A SITUAÇÃO. ENTRA UM PAUÇO E PÁZ UM BICAL PARA OS PAIS, ESTE ANJOADO.

FILHO - Mãe, pai... ah, ah...

SURTI NA PORTA DO FUNDO ALI BEMBA COM UMA MALTA NA MÃO E LONGO DOSSO CORTE PARA ELA, BEMBA DOSSO A E TRAZENDO-A PARA DENTRO. ELA FICA ESTONTADA, SEM SABER O QUE ESTÁ SE PASSANDO.

MÃE - Que bom que você veio, minha querida. Nós estávamos aflitíssimas pela sua chegada.

LILLI - Mas como? Já... Já sabia que eu vinha?

PAI - Claro que sabemos. Seu pai nos passou um telegrama.

LILLI - Não sei?... Telegrama?

MÃE - Não, querida, não espere, deixe-me apresentar-lhe o filmão.

O FILMO SE ADIANTA, TIRANDO A MALETA DA MÃO.
APERTA-LHE A OUTRA MÃO E PICA TODO SORRIDENTE.

FILMO - Muito prazer... muito prazer...

O PAI VEM OLHAR A MESA DO JANTAR, TAMBÉM OS
MÃES VAI PARA O GRUPO.

PAI - Mas ela deve estar com fome, coitada. Viajando desde cedo. Você está com fome, não está?

LILLI - Fome?...
Fome?...

MÃE - Você até com fome, querida, está? então vem a jantar que depois eu lhe mostrarei o meu quarto.

FILMO - Sente-se aqui... sente-se aqui... faça questão que você fique perto de mim...

LEVAM LILLI PARA A CARRINA E SENTA-NA COM QUE
ELA POSSA TER TEMPO PARA DIZER SEM FAZER NADA.

MÃE - O que você, minha querida. Uma sopinha primitiva, não é?

A MÃE SERVEM UM PRATO DE SOPA QUE BOCA LIGO NA
FRENTE DE LILLI, PASSANDO A SERVIR OS OUTROS.

LILLI - Espere aí, eu... eu acho que digei uma coisa...

PAI - Agora não. Agora trata de comer antes que o jantar esfrie. Depois você diz o que quiser.

LILLI - Prove, querida, prove. Veja se a sopa está a seu gosto.

LILLI - Mas sêntes aqui...

PAI - (CORTA) Não fale agora, eu já disse. De ca primitivo que depois nós teremos o resto da noite para conversar.

LILI: OLHA PARA TODOS QUE ESTÃO COMENDO COM APETITE. OLHA PARA A SOPA, E CADA UM QUEM SE AGACHA NO PRATO. TOMA UMA QUATRO OU CINCO COLHERES DA SOPA, ESTENDE O PRATO E DIZ:

LILI - Não mais.

MÃE - Ah, que bom. Ela gostou de comer sopa. ENQUANTO SERVE MAIS UMA PORÇÃO DE SOPA PARA LILI VAI PATANDO.

MÃE - Depois você tem um amassado muito bom com salada. Você não gosta de amassado?

LILI - Gosto, sim senhora. Ih, eu não gosto de amassado. E já vi que hoje eu vou me meter num daqueles tremados.

O FILHO SERVE PARA LILI E PARA MÃE.

FILHO - Um copquinho de vinho para bebermos a sua saúde.

LILI - (BOCA CHEIA) Obrigadíssima. Mas não bebo muito, não, que não sou muito de pinga.

PAI - Não sei gostava de um trago. He... (FAZ O GESTO). Ainda?

LILI OLHA PARA MÃE, NÃO SABE O QUE DEVER, SOURI SEM GRACA E DESFETINDO O GESTO DEZ

LILI - Ainda.

MÃE - Você não sabe como nós estamos felizes de recebê-la, querida. O filhinho então ficou tão contente quando soube que você vinha, não é filhinho?

FILHO - Fiquei, sim. E agora ainda estou assim.

PAI - Você veio só com aquela maletinha?

LILI - (DEPOIS DE PRONTA PAUSA) É... só...

MÃE - Naturalmente ela não gosta de andar com bagagem e preferiu comprar tudo aqui. Não é querida?

LILI - É... eu... eu vou comprar tudo aqui...

MÃE - Claro. Quem tem dinheiro procede assim. Mas agora se dê o seu prato servido e passe a sua vez para lhe servir de amassado com salada.

LILI PANDA O PRATO DE SA- MÃE BOTA A UM BANCU.
PANDA LOGO O QUER PRATO QUE ZLA SNIYE DE ASSADO
COM SALADI. QUANTO VAI CONVERSANDO.

FILHO - Você vai demorar muito aqui?

LILI - (SIGNIFICATIVA) Não sei, mas eu tenho a impressão de que não demoro muito não. Isso vai depender da morte, mas ao dar pra terminar o jantar eu já fico satisfeito.

PAI - Como? Não é possível. Você quer dizer que depois de jantar já vai embora?

MÃE - Não vou me dizer que vai se hospedar num hotel, ao vez de ficar aqui com você.

LILI - Não, não... quer dizer... eu... eu estou meio tonta e não sei bem o que estou dizendo.

MÃE - Sabe o que é isso? Efeito de viagem. Uma viagem, por boa que seja, sempre é cansativa.

LILI - Pois é... (SIGNIFICATIVA) Indá mais quando a gente viaja assim... sem querer... sai esperar... e de repente, daí no meio de uns parentes que a gente não sabe quem são... é tchim bum, e pronto.

LILI, AO DIZER TCHIM BUM, FAZ UM GESTO COM A MÃO QUE TEM O DEDO E JOGA MOINHO DE CEBOLA DO ASSADO NO ROSTO DO PAI.

CORTA

P.P. de PAI, tirando o molho do rosto com um dedo e limpando ao guardá-lo no copo.

LILI - Ah, perdão... O humor me desculpa. Eu não fiz por mal.

PAI - (CORTEZADO E RINDO ALIADO) Não tem importância... não faz mal... são coisas que acontecem...

FILHO - Meia um pouquinho de tchimo, prima?

LILI - Não, não. Meia altura dos acontecimentos... eu já resolvi passar a cabeça e ir pra casa.

FILHO - Ah, eu já vi que a prima é de seu... a coisa está pra sair.

LILI - É pra mim também. Por isso que eu estou tratando de aproveitar porque de repente não sei.

LILI RECOMEÇA A COMER EM PRESSA, COMO QUEM TEM DESEJO DE TERMINAR RÁPIDO O JANTAR.

CHICOTE PARA A PORTA DO FUNDO.

OUTRA - Boa noite para todos.

ÍNDIO - ACORRE DE SUSSO.

E VOLTA PARA LILI, NA SUELA

LILI - (SUSSO CONTINUA) Pronto. Acabou-se a minha alegria.

ENQUANTO TODOS SE DIRIGEM PARA O FUNDO ONDE ESTÁ A OUTRA COM A MALA NA MÃO, LILI SERVE LIGEREZINHA A MÃO ASSADO E COMEÇA A COMER EM PRESSA.

OUTRA - Já não me esperavam esta noite, não é o automóvel sofreu um desastre na estrada e ficou parado de duas horas paradas.

PAI - Mas... quem é a senhora?...

OUTRA - Quem sou eu? Eu sou a Elizabeth, a filha do seu primo Oswaldo. Papai telegrafou avisando que eu vinha?

TODOS SE VIRAM PARA LILI QUE COME O QUE PODE ÀS DISPARANDO. PAI CAMINHA PARA ELA NA PUNHA DE UM LANCETADO. OS OUTROS SE MURMURAM.

PAI - É a senhora quem é?

LILI - (COM A BOLA QUEDA) Eu sou a encarregada do serviço de estatística da agência de publicidade "Lado Direito da Agência"

PAI - É a senhora não tem vergonha de que seu filho não devia saber prendê-la.

LILI SE LEVANTA E SE ENDESSA EM SENTAR.

LILI - Para mim, cozinheira. O que é que eu fiz? Não venha falar que eu não tenho culpa do que aconteceu. Não quis explicar, vocês não me deram a chance, agora vão adiante querendo estragar o meu dia.

PAI - Não a senhora comeu o jantar que não deu a culpa para ninguém. Não devia ter comido.

LILI - Ah que engraçado. Eu tava com fome, eu comi o que estava na mesa. Não mandaram avisar que não se podia comer?

LILI VAI DIREITO A VALISE, PASSA A MÃO E
CONTINUA PARA A PORTA. AO PASSAR PELA OUTRA
PÁIA.

LILI - Olha aqui, vizinha, não se roga pra
para o jantar de fazer mal que eu não tenho
culpa tã, tã ouvido? Mas que se obrigaria,
e comer.

LILI CONTINUA PARA A PORTA DO FUNDO. DE LÁ DÁ
UM ADEUSINHO PARA TODOS QUE ESTÃO OLHANDO PA
RA ELA.

LILI - Tchau, e obrigado, mal? Tava o fim do
jantar.

LILI SAI E O PAI VAI PULSOS ATÉ A PORTA.

PAI - Sou pilantra, sou vigarista. Deixe es-
tar que eu vou mandar fazer queixa na agência
e você vai perder o seu emprego, pronto.

CONTE

P.A. de LILI, sentada no banco.

- BANCO DE JARDIM -

BARRAQUE - Estava gostoso o jantar, não está,
Lili?

LILI - Estava ótimo. O cara disse que ia
de fazer queixa de mim na agência e que eles
iam me despedir, mas não se importa. Emprego
dá de conta por si e eles nem se aproveitam
de jantar supimpa de boa... Bem... e agora eu
estou na hora de voltar.

LILI DÁ UM ADEUSINHO PARA A CÂMERA.

LILI - Sei-bêi. No quarta feira que eu a
gente se essa encontra de novo, tá?

APROXIMAÇÃO até G.P. de LILI

ADUSO - DUTIXO MUSICAL

ENCERRAMENTO.

LILI BIRUTA

-----+-----
PERSONAGENS:

NARRADOR.....
LILI.....
BARABINO RASGATIRA.....
ANDORINHA.....
SENHORA.....
VELHOTA.....

-----+-----
GENÁRIOS:

- 1º) O MESMO PARQUE DE SEMPRE, COM O BANCO DE MARMORE E DUAS COLUNAS
C/ TREPADERAS.
- 2º) UMA LOJA DE VARIEDADES, COM GRANDE BALÇÃO, MÁQUINA REGISTRADORA,
TRES OU QUATRO PEÇAS DE PLÁSTICO, FAZENDAS ROUPAS FEITAS, DISCOS
OBJETOS VARIOS, UM DESPERTADOR, PAPEL PARA EMBRULHO E ROLO DE CORDÃO
E ROLO DE DURX GRANDE.

-----+-----
DATA DA APRESENTAÇÃO.....

-----+-----
TV. PIRATINI CANAL 5
-----+-----

SLIDES DE ABERTURA

ABERTURA EM: P.P. de LILI, olhando assustada para um lado e outro.

AFRSTAMENTO até P.M. de LILI que se apercebe da câmara e dá um abanico.

- SET DE JARDIM DE SEMPRE -

ÁUDIO - PREFIXO MUSICAL

d

LILI - Alô. Vocês sabem por que eu estou cuidando os flancos? Sabem, não é? Vocês devem estar bem lembrados do que me aconteceu na última vez em que estive aqui. Aquele leuco, atrás de mim, com aquela fscã na mão... A minha sorte foi ter desmaiado de susto. Um guarda correu em meu socorro e ele foi preso outra vez.

NARRADOR - Pois então? Se você sabe que ele está preso, por que esse medo?

LILI - Porque eu fiquei com a impressão de que, a qualquer momento, ele vai aparecer.

NARRADOR - Não vai, não, Lili. Ele agora está preso a sete chaves, você pode ficar bem tranquila.

LILI - Você viu como eu sou assrada, váu?

NARRADOR - Assrada por que, Lili?

LILI - Puxa. Vida. Você ainda me pergunta por que? Tão feliz que eu estava naquele emprego, para acabar fugindo e sem receber meu dinheiro. Você acha pouco?

NARRADOR - Óra, Lili, não desanime. Você não sabe que de hora em hora Deus melhora?

LILI - Sei, sim, mas também sei que ele às vezes demora pra xixú, e a gente cansa de esperar.

NARRADOR - Você tem algum novo emprego em vista, Lili?

LILI - Vários. Eu fui na Biblioteca Pública sabe? E eles me emprestaram um jornal. Você sabe o que eu fiz? Arranquei a página dos anúncios, botei na bolsa e agora vou procurar os empregos. Tem tantas que eu nem sei por onde começar. Você quer ver?

LILI ABRE UMA ENORME BOLSA QUE ESTÁ AO SEU LADO E COMEÇA A TIRAR DE DENTRO DELA UM MONTES DE COISAS, AS MAIS DISPARATADAS. VAI TIRANDO-AS E BOTANDO-AS EM CIMA DO BANCO. DE REPENTE ENCONTRA UMA ESCOVA DE CABELO E PARA UM MOMENTO ESTRANHANDO

LILI - Ué....Eu não sabia que tinha esta escova...(LEMBRA-SE) Ah, já sei. Foi naquela loja que eu estive. Comecei a experimentar a escova, achei que era macia, fui passando nos cabelos...fui passando...de certo, depois, eu me esqueci que não era minha e botei na bolsa.

NARRADOR - Como é, Lili? É o jornal que você ia me mostrar ?

LILI -(ACORDA) Ah...é memo, o jornal. Está vendo? Eu também ia me esquecendo do jornal. Eu sou muito esquecida, é uma barbaridade toché.

BOTA A ESCOVA EM CIMA DO BANCO JUNTO COM AS OUTRAS COISAS E CONTINUA A RETIRAR OBJETOS DE DENTRO DA BOLSA. DEPOIS DE ALGUNS MOMENTOS, ENCONTRA UM PIROLITO.

LILI - Olhe aqui. Um pirolito. Eu nem sabia que tinha este pirolito na bolsa. Ai que bom. Eu gosto tanto de chupar pirolito...

DESEMBRULHA O PIROLITO E COMEÇA A CHUPAR, DEIXANDO O PAPE SEM À MÃO (VAI TORNAR A EMBRULHAR) E QUANDO ELA CHUPA O PIROLITO, VAI GANTAROLANDO QUALQUER COISA.

LILI - Gostoso...Uma delícia. Ih, eu sou rixa por pirolito.

NARRADOR -(OLHANDO) Lili...

LILI QUE ESTÁ GANTAROLANDO, ACORDA DE REPENTE

LILI - Ah, desculpe. Esqueci o jornal outra vez. A culpa foi do pirolito, não? Quer dar uma lambidinha ?

NARRADOR - Não, Lili, obrigado. Eu não aprecio muito pirolitos. Estava precisando de suas cantorias, isto sim. Você sabe que eu acho que você canta bem ?

LILI - Eu também acho. Mas o que é que adianta, se eles não acham?

NARRADOR - Eles quem Lili?

LILI - Essa gente do rádio e da televisão. É uma gente mais antipática...

NARRADOR - Mas você já cantou para que eles ouvissem?

LILI - Ih... Quantas vezes... Da última vez, na televisão, um careca negro e alto que tem lá e que é chefe não sei do que, ficou olhando pra gozdo de óculos, sorrindo e piscando o olho. Eu me queimei, que eu não sou muito mansa, botei a boca no mundo e sai como uma bala. Na saída, ainda tropecei numa cachorra pelada que tem lá, caí estatelada no meio do chão e rasquei as minhas nádegas. E o que me dá mais raiva é que eu sei que canto bom. O senhor já me ouviu cantar?

NARRADOR - Não. Cantar, propriamente não. Estava ouvindo você cantarolar.

LILI - Quer ver como eu canto bem? Sintoniza pra cá.

FAZ UM GESTO PARA O LADO DA COLUNA, SE LEVANTA, SE ARRUMA TODA, SE ENCOSTA NA COLUNA E COMEÇA A CANTAR DINDI, NAQUELA BASE DE IMITAÇÃO (ALIAS ÓTIMA) QUE JÁ FOI FEITA UMA VEZ E QUE TODO MUNDO ESTÁ PE DINDO REPETIÇÃO. DURANTE O TEMPO EM QUE LILI ESTIVER NA COLUNA, O ASSISTENTE RECOLHE DE CIMA DO BANCO A SUA BOLSA E TORNA A ENCHÊ-LA COM AS COISAS LAI DISPARATADAS, INCLUSIVE UM ALÇAPÃO PEQUENO COM UM PASSARINHO VIVO.

LILI - (AO TERMINAR) Não gostou?

NARRADOR - Gostei, Lili. Você canta com muito sentimento.

LILI - Não é mesmo? Mas eles não vão com a minha cara o que é que eu vou fazer?

NARRADOR - Lili, o jornal.

LILI - Ih, é mesmo. Eu tinha tornado a esquecer o jornal.

LILI VOLTA PARA O BANCO, SENTA ONDE ESTAVA E COMEÇA NOVAMENTE A TIRAR COISAS DE DENTRO DA BOLSA. QUANDO TIRA O ALÇAPÃO COM O PASSARINHO...

NARRADOR - Que é isso, Lili?

LILI - Ah, isso... é que eu ia passando lá na outra ponta do jardim e vi uma colônia de abelhinhas no tronco de um árvore.

LILI (CONT.) fiquei com pena do passarinho e resolvi levar pra casa pra cuidar do pobresinho.

LILI VOLTA A PROCURAR O JORNAL NA BOLSA. ESVASIA-A COMPLETAMENTE, ATÉ VIRÁ-LA EM CIMA DO BANCO. NÃO ENCONTRA O JORNAL, PENSA UM POUCO E DÁ-LHE O ESTALO.

LILI - Ah, espere aí. Agora eu me lembrei. O jornal não está na bolsa, está no bolso. Como eu guardei tudo dentro dessa bolsa, fiz confusão.

LILI MEE A MÃO NO BOLSO E ACHA LOGO UMA PAGINA DE PEQUENO ANUNCIO DE UM JORNAL QUALQUER, ABRE-A E COMEÇA A PASSAR OS OLHOS POR ELA, PROCURANDO.

LILI - Olhe, eu tenho aqui emprego que me interessou bastante. Quer ver? (LENDO) "Senhor bastante idoso, rico e educado, procura moça de presença agradável, sadia e de mãos bem leves para lhe fazer cafumés. Paga bem. Pode referêcia." Deve ser interessante; não deve?

NARRADOR - Não sei, não, Lili, Eu não faço muita fé com vâhos ricos. Em geral são caprichosos e prepotentes.

LILI - É?... Bem, mas aqui tem outro que tambem me interessou. (LENDO) "Industria manufatora de Produtos Alimentâcios precisa moça de bastante apetite e de bom paladar, para orvar bolaxas". (TOM) Não é uma maravilha esse emprego?

NARRADOR - Não acho, Lili. Ao fim de uma semana você não suporta mais nem o cheiro de bolaxa e estará enome de gorda.

LILI - É mesmo, eu nem tinha pensado nisto. Não faz mal, tem outro. (LENDO) "Comerciante de fazendas, plasticos e arcaarinhos, procura moça educada e de boa presença, para atender no balcão. Ordenado compensador. Procurar Barabino Rasgetira, na rua das Canecas número 57 quem vai."

NARRADOR - Está aí um emprego bom para voces. Por que não vai procurá-lo?

LILI - Isso mesmo. Eu vou lá na rua das Canecas, cincoenta e sete quem vai, procurar o meu Rasgetira.

COMEÇA A DETER NA BOLSA TUDO QUE EXISTE EM CIMA DO BANCO E QUE ELA ANTES TIROU.

APROXIMAÇÃO até DET. da BOLSA

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

ESCURECIMENTO RÁPIDO

ABERTURA na mesma bolsa, fechada, em cima do balcão da loja.

APASTAMENTO até P.M. de LILI na frente do balcão, BARABINO atrás do mesmo e ANDORINHA no fundo, sentada numa máquina registradora.

LILI - Tu lá esse anúncio e vai me oferecer
BARABINO - (SOTA(UX)) E o que é que a senhora sabe fazer ?

LILI - Qualquer coisa. Lavo, engomo, costuro, canto, censeo, jogo buraco, bebo whisky, qualquer coisa que o senhor mandar eu faço.

BARABINO - Qualquê coisa? Olha pra a cara dela. Andorinha, e vê se tu gosta.

LILI - (EXTRAVIANDO) Como é o nome dela ?

BARABINO - Andorinha. Verê ?

LILI - (VONTADE DE RIR) Gostou. Andorinha.

ANDORINHA - (QUEIMADA) Andorinha, sim. Por que ? Acaso não gostou ?

LILI - (ASSUSTADA, QUERENDO CORRIGIR) Gostei, sim senhora, gostei. Até que é um nome bem agradável; não é bestof andorinha. É um nome que está bem de acô-do com a dona. A mãea leveza... a mesma graça... a mesma simpatia... Se a senhora fosse digamos uns poucos velha, já não estaria tão bem, mas sendo moça e simpática, como é, ela apresenta maravilhosamente na senhora.

BARABINO - Vamo, Andorinha, vamo... o que é que tá acon? A noça serve ou não serve ?

ANDORINHA - Está vieto que serve. Tem boa presença... é educada... parece ser geltosa e inteligente.

LILI - Ah sou. A senhora vai ver como eu sou Geltosa e inteligente pra burro.

BARABINO - Muito bene. Entô si a signora está

BARABINO - Molto bene. Entô si a signora stá d'acôrdo co o ordenado e as cundição...

LILI -(RAPIDA) Estou, sim senhor, estou. Eu estou sempre de acordo.

BARABINO - Entô a signorrina vem amanhã as ôta hora pra cominhá e serviço. Capito?

LILI - Então mãe coi capitá?

APROXIMAÇÃO sté G.P. de LILI

LILI - Io que sono figlia d'italiani ?.

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

ESCURECIMENTO RAPIDO

TROCAM AS POSIÇÕES. LILI PASSA PARA DENTRO DO BALÇÃO E RASGATIRA PARA FORA, JÁ DE CHA PÉO NA CABEÇA.

RASGATIRA - Adesso io vô na prefeitura pagá es imposto da a bodegs e a signorina toma conta do o balçáo.

LILI - Sim senhor, seu Rasgatrapo, o senhor pede ficar descansado.

BARABINO - Rasgatrapo, nó. Rasgatira. Barabino Giuseppe Lorenzi Rasgatira. Scillianese de qualite.

LILI - Está bem, desculpe

BARABINO - Se tivé qualquer dúvide é só pergunta pra a ANDORINHA que ela responde, e quebre o galho. Ariverderci.

LILI -Ariverderci.

BARABINO SAI. LILI PASSA MÃO NUM AVENTAL DA PILHA QUE ESTÁ PARA VENDER. EXAMINA TODOS E ESCOLHE UM QUE PÕE EM SI MESMA. COMEÇA A ARRUMAR COISAS., ENTRA UM SENHOR GAGO. ELA SE DIRIGE A ELE, SOLÍCITA.

LILI - Bom dia, meu senhor, deseje alguma coisa?

SENHOR - Sim, sim, de....de....desejo. A senhora tem bô-bô....tem bô-bô...

LILI - Botinas?

SENHOR - Não senhora. A senhora tem Bôbô... tem bôbô...

SENHOR - Também não, senhora eu queria bô-bô

LILI - Bolexas?

SENHOR - (JÁ ENFURECIDO) que bolinhas nem bolaxas. É bô-bo... é bô-bô...

LILI - Bonocas ?

SENHOR - (FORTE) não.

LILI - Bobinas ?

SENHOR - (MAIS FORTE) não.

LILI - Bonbecas ?

SENHOR - (BRUSCO) Não.

LILI - Puxa que eu não acerto uma.

SENHORA - a senhora vai me deixar falar, ou não vai ? eu quero bô-bô... bô-bô...

LILI - bo-bo o que ? faça um esforço e diga.

SENHORA - (COM CRITO), (RUIDOSO) Botões.

LILI REENTRA FURDO, CANSADA.

LILI - Puxa vida... Até que enfim que pena que eu não me lembrei dos botões que a esta hora já estava fazendo o pacote. (TOA) Dona passarinha, onde é que estão os botões?

ANCORINHA - (QUEIMADA) Em baixo do baço. Mas passarinha não? ouviu moça? Meu nome é Ancorinha.

LILI - Desculpe, sim? eu confundi. Não foi por mal.

LILI PEGA UMA CAIXA GRANDE, CHEIA DE BOTÕES E BOTA EM CIMA DO BAÇÃO. ESCOLHE QUATRO BEM GRANDES.

LILI - É para camisas que o senhor quer? Temos estes aqui são ótimos.

ELE PEGA O BOTÃO E BOTA SOBRE O PEITO.

SENHOR - Mas destes tamanho? A senhora não acha que são um pouquinho grandes?

LILI - Muito, não. E estes ainda são uma vantagem: são ótimos para jogar botão. O senhor não gosta de jogar botão? Ih eu adoro.

SENHOR - Eu jogava botão quando era garoto. Agora acho que nem sei mais jogar.

LILI - Eu também fiz muito tempo que não jogo. Vamos ver qual de nós dois está mais em forma?

SENHOR - Poderias ver.

LILI - Olha aqui: vamos fazer uma coisa pra valer. Vamos ver qual é o que fez o botão saltar tão longe. Se for o senhor, o senhor leva os botões que quiser e não paga nada. Si for eu, o senhor paga a caixa toda e não leva nenhum. Combinado?

SENHOR - Combinado.

LILI, NO ENTUSIASMO ESQUECE DE TUDO E COM O BRAÇO LIMPA O BALCÃO PARA FAZER ESPAÇO, DEBUCANDO TUDO NO CHÃO. ANDORINHA FICA OBSERVANDO TUDO ESPERANSA. JOGAM OS DOIS E O SENHOR LANÇA LONGE. LILI SE APOINHA.

LILI - É...o senhor ganhou...quantos botões quer levar?

SENHOR - Pode embrulhar a caixa toda.

LILI - A caixa toda?

O SENHOR FAZ QUE SIM COM A CABEÇA E ELA PAGA UM JORNAL, FAZENDO UM SACOTE HORRIVEL QUE ENTREGA A ELE.

SENHOR - Eu vim para levar dois botões e levei uma caixa. Isso é que é sorte. Passe bem, passe bem.

LILI - (DESAPONTADA) Passe bem.

O SENHOR SAI E LILI OLHA MUITO DESEANIMADA PARA ANDORINHA QUE NÃO TIRA OS OLHOS DELA.

LILI - Foi...foi horrível, não foi?

ANDORINHA - E eu só quero ver, agora, que contas você vai dar dos botões.

LILI - Eu fiz isso pra ver se vendia todos de uma vez. Nunca imaginei que o velho ainda pudesse atirar tão longe.

ENTRA UMA SENHORA GORDA COM UMA BOLSA DE COMPRAS. LILI SE APRESSA EM ATENDE-LA.

LILI - Boa tarde, minha senhora. As duas ordens.

SENHORA - Eu queria uma fazenda que fosse bonita e não fosse cara, para fazer um avental.

LILI - Fazenda? Escute aqui: porque a senhora não faz o seu avental de plástico que fica mais bonito e muito mais econômico?

SENHORA - É uma boa idéia. A senhora me mostre os plásticos, então.

LILI TIRA DA FATELEIRA DUAS OU TRES PEÇAS DE PLÁSTICO E AO COLOCA-LAS EM CIMA DO BALÇÃO BATE NO CHAPÉO DA SENHORA, TIRANDO-O DA CABEÇA. LARGA OS PLÁSTICOS DEPRESSA EM CIMA DO BALÇÃO PEGA O CHAPÉO E SE APRESSA EM BOTA-LO NA CABEÇA DA SENHORA, AO CONTRÁRIO DO QUE ESTAVA.

LILI - Ah, desculpe, senhora, não foi por mal. Deixe ver...ficou bonitinho.

A SENHORA E LILI VERIFICAM OS PLÁSTICOS, EMITINDO OPINIÃO SOBRE UM E OUTRO. FINALMENTE A SENHORA ESCOLHE.

SENHORA - Vou levar deste aqui. Ele me agrada bem. Preciso ver a metragem.

LILI - Eu acho que com uns tres ou quatro metros a senhora faz um avental.

SENHORA - Que esperança. É muito. Eu já vejo aqui. Tenho o modelo que uma amiga me emprestou, é fácil de ver.

TIRA DA BOLSA UM AVENTAL SEM SIMPLES, DA ROUPARIA. LEVANTA-O PARA EXIBIR A LILI.

SENHORA - É este o modelo. A senhora não acha um amor?

LILI - Para falar a verdade acho muito miúdo.

TIRA O AVENTAL DA MÃO DA SENIA E O EXIBE PARA ANDORINHA.

LILI - A senhora acha bonito este avental, dona Periquita?

ANDORINHA - Periquita não, ouviu? Meu nome é Andorinha. Andorinha. Já é a segunda vez que você troca.

LILI - Desculpe. Eu sou prestar bastante atenção para não trocar mais o passarinho. (PARA A FREGUEZA) A senhora sabe como é que ficava o fino do avental? Cortando umas tiras...franzindo no centro...e debruando ele todo. Ai sim, ficava um amor.

SENHORA - É uma boa ideia. Vai ficar realmente mais bonito. Quanto a senhora acha que eu preciso comprar para fazer assim?

LILI - Vamos ver.

PEGA O AVENTAL, E ESTENDE-O EM CIMA DA MATERIA PLASTICA
PEGA UMA TESOURA GRANDE QUE CORTE E COMEÇA A MEDIR.
UMA VEZ PARA O AVENTAL E MAIS MEIA PARA OS ENFRIQUES.

LILI - Uma vez e meia dá. Podemos cortar por aqui.

SENHORA - Então a senhora corte.

A SENHORA SE DISTRAI OLHANDO OUTRAS COISA LILI,
EM VEZ DE CORTAR O TECIDO PLASTICO CORTA O AVENTAL
MEIO MEIO. SÓ AO FIM SE DÁ CONTA DO QUE FEZ.

LILI - Nossa...O que foi que eu fiz?..

SENHORA - Pelo amor de Deus. A senhora me cortou pelo meio um avental que não era meu e que eu tenho que devolver para a dona. E agora? O que é que eu vou fazer? Diga, diga...O que é que eu vou fazer.

LILI - Calme...calme...eu dou um jeito. Quem sabe a gente cola direitinho com durex ela nem fica vendo?

SENHORA - Óra, pelo amor de Deus...Onde já se viu colar roupa com durex, menina? Você é louca ou o que é que você é? Eu vou é me queixar na polícia e a senhora vai pagar o meu avental.

LILI - Não, não...não faça isto...ei pago, pago, mas a senhora não vá na polícia. Olhe, leve a peça toda para a senhora, assim a senhora faz quantos aventais quiser e está acabado.

PEGA A PEÇA DE PLASTICO, BOTA-A NAS MÃOS DA
SENHORA, ALCANÇA-LHE A BOLSA E EMPURRA-A PARA
FORA, PELA CÂMERA. VOLTA PARA O BABÇÃO, RESPIRA
FUNDO E OLHA DESAPONTADA PARA ANDORINHA.

LILI - Ela estava azarada mesmo? não é dona Cotovia?

ANDORINHA - Que cotovia? Eu sou cotovia, por acaso? Quantas vezes já lhe disse que sou Andorinha? Quantas?

LILI - É mesmo, não é? A senhora já me disse umas quantas vezes e eu sempre troco o passarinho. Mas a senhora viu o meu azar? Viu?

ANDORINHA - Azar é uma coisa, menina. Estabanação é outra diferente. Eu quero ver que contas você vai dar ao Rasgatira. Isso é que eu quero ver.

LILI - Ah, dona Gaivota, também a senhora em vez de me ajudar fica me susando...

ANDORINHA - Ajudar coisa nenhuma. Você fez as su tobágens, agora se aguente. e mais uma coisa: não me chame de gaivota porque eu não sou, entendeu? Gaivota é a vovózinha. Exerizete trocar mais uma vez os passarinho e há de ver o que lhe acontece.

LILI -(CHEIA) Também por que não lhebotaram outro nome? Uma mulher grande desse tamanho com nome de passarinho. Onde é que se viu?

ANDORINHA VAI RESPONDER, FURIOSA MAS ENTRA UM VELHOTE E ELA QUE SE HAVIA LEVANTADO SENTA DE NOVO. LILI ACORRE PRESSUROSOSA A ATENDÊ-LO.

VELHOTE - Bom dia, bom dia, bom dia. Eu desejo comprar cento e cinquenta réros de moeda, mas quero, antes, uma cadeira porque andei muito e estou ligeiramente fatigado.

LILI -(SOLÍCITA) Pois não, pois não...eu já vou lhe arranjar uma cadeira.

PASSA MÃO NUMA CADEIRA E TRAZ PARA A FRENTE DO BALÇÃO.

VELHOTE - A senhora é solícita e bastante simpática sabe? Bastante simpática.

LILI - Obrigada. Sente-se:

NO MOMENTO QUE O VELHOTE DA AS COSTAS PARA SENTAR-SE ANDORINHA FALA.

ANDORINHA - O pé dessa cadeira não está muito firme. Vela lá.

LILI SE VIRA PARA ANIORINHA LEVANDO A CADEIRA JUNTO, JUSTAMENTE NA HORA EM QUE O VELHOTE SENTA. ELE CAI ESTATELADO NO MEIO DO CHÃO E FICA FURIOSO.

LILI - O senhor sentou antes do tempo.

VELHOTE - Sentei antes do tempo não. A senhora é que tirou a cadeira no tempo preciso

VELHOTE (CONT.) para se atirar no chão.

LILI AJUDA O VELHOTE A LEVANTAR, MUITO VENDIDA.
O VELHOTE APALPA O BOLSO E TIRA UM RELOGIO DE
CORRENTE. FICA POSSESSO.

VELHOTE - Veja. Veja. o que a senhora fez.
Partiu o vidro do meu relógio. Vou me quei-
xar ao meu patrão.

LILI - Não, não, por favor... não faça isto.
Eu lhe dou outro, eu lhe dou outro...

VAI ÀS PRATELERA E VOLTA COM UM DESPERTADOR
GRANDE QUE BOTA NAS MÃOS DO VELHOTE.

LILI - O senhor leva este, pronto. É muito
maior do que o seu e muito mais bonito.

VELHOTE - Ah, bem... assim está perfeito,
perfeito. Passe bem, menina, passe bem.

TIRA O CHAPÉU E SAI PELA CÂMARA BOTANDO O DESPERTADOR
NO OUVIDO. GRANDE PAUSA EM QUE ANDORINHA E LILI SE
ENTRE-OLHAM. UMA ACUSANDO OUTRA DESAPROVADA.

LILI - Esta vendo dona Saracura, está vendo?
E depois a senhora ainda vem dizer que não
é falta de sorte.

ANDORINHA, FURIBUNDA, SE LEVANTA DA CAIXA E VAI
PARA ELA

ANDORINHA - Saracura, não é?

LILI - (ESPALHAFADO, as duas mãos na cabeça)
Meu Deus, eu troquei a passarinho outra vez.

ANDORINHA OLHA PARA A CÂMARA E VÊ O PATRÃO.

ANDORINHA - O seu Bagatins vem chegando
mesmo na hora.

BARABLIHO - E então? Muito bom negócio?

ANDORINHA - Ótimos. Esplêndidos. Só que a
sua noiva empregada deu tudo de presente
aos fregueses. Uma caixa inteira de botões,
uma peça inteira de plástico e ainda um des-
pertador. E ainda deu um tombo numa freguesa
que vinha comprar cento e cinquenta metros
de morim.

BARABLIHO - (FURIOSO) Poca pipa. Mas então que
espécie de empregado é questo?

LILI VAI FUGINDO DEVAGARINHO MAIS ELE VÊ E CHAMA.

LILI BEMBA

PERSONAGENS:

LILI..... MARY BEMBA
NARRADOR..... HELENA GUIMARÃES
VILÃO DOBRO..... Vinícius Salvatôri
CALPINA..... Nelson Bionden
GENÍO..... Gerson Bionden

GENÊSE:

O CASO LILI É UM DOS CASOS DE LULA
EM AS CRIANÇAS QUE TRAPALHEI, DAS VEZES AT
GENÍOES.

DATA DA ENTREGA..... 3.5.1961

TV PIRATINI - 5

SCENAS DE ABERTURA

ABERTURA em P.P. de LILI, sentada no banco do jardim, comendo uma maçã.

AFASTAMENTO até enquadrar um tabuleiro de vidro de frutas, depositado no banco, ao seu lado.

- O MESMO JARDIM DE SEMPRE -

AUDIO - PREFIXO MUSICAL

LILI - Gostosa esta maçã! Fazia tempo que eu não comia uma maçã. Também... pelo preço que estão... Só mesmo assim, quando a

elas aparadas e ficam dando sopa para gente.
NARRADOR - Ué, Lili, que é isso? Comendo maçã?

LILI - É comendo maçã. Você está bom?
NARRADOR - Estou bom, felizmente - você como vai?

LILI - Eu vou bem, ganhando férias forçadas, depois de umas ^{semanas} de trabalhar de graça a troco de um prato de comida, naquela porcaria daquela loja do seu Paschim. Ele não pega só tira, não. Ele pega tudo, pega até a pele da gente, se a gente dá a. É depois, aquela tal de Andriana, que no fim não passava de um urubú, mas vez de me agütar, inda ficou contra mim... aí mego que ele se aproveitou. Mas não faz mal. Mais tem Deus pra dar.

NARRADOR - Muito bem, Lili, é isto mesmo. Assim é que se gosta de lhe ver. Animada e cheia de esperança.

LILI - É a influência da maçã, porque antes dele eu não estava cheia, não.
NARRADOR - Quer dizer que uma maçã é mais

do que para lhe dar forças e coragem?
LILI - É, mas não quer a gente se

LILI - (CONF.) eu comi uma maçã?

NARRADOR - Não foi?

LILI - Não senhor. Esta é a quinta ou sexta que eu estou comendo. Até já perdi a conta.

NARRADOR - Ah, bem! Eu não estava sabendo disto. E hoje como é? Vai procurar algum novo emprego?

LILI - Deus me livre! Eu já lhe disse que estou de férias. Você acha pouco trabalhar uma semana inteirinha, de ponta a ponta? Você vê: (conta nos dedos) É segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado e domingo. Não, sábado e domingo, não. Sábado é só meio dia e domingo não se trabalha, mas de qualquer maneira são: (torna a contar nos dedos) segunda, terça, quarta, quinta, sexta... são cinco dias e meio de trabalho. Alguém pode aguentar isto sem descansar por lo menos tres dias? Não pode. Ninguém é máquina, você não acha?

NARRADOR - (sorrindo) É, sim, Lili, você tem razão.

LILI - Agora eu já disse que vou descansar tres dias, pra depois procurar um novo emprego.

NARRADOR - Faz muito bem, Lili, é isto mesmo. E depois não esqueça trabalhar capotado.

LILI - Não é mesmo? Pois é o que eu sempre digo.

NARRADOR - Escute, Lili: faz horas que eu estou para lhe perguntar uma coisa.

LILI - O que é?

NARRADOR - Você está vendendo frutas hoje?

LILI - Eu, vendendo frutas? (ri com vontade) Tem graça! Tem muita graça!

NARRADOR *Tem toda uma!... Francamente!...*

VENDEDOR - Bem...eu acho que tenho o direito de supor uma coisa destas, uma vez que se eu está sentado no banco de um jardim e tem ao seu lado um taboleiro cheio de bananas, peras, maçãs e etc. Se não acredito que você tenha comprado tudo isto para comer, Lili.

LILI - Mas quem é que disse que eu comprei? Eu vou lhe explicar o que aconteceu.

ENTRA PELA CAMERA, ZANGADO, O VENDEADOR DE FRUTAS QUE PARECE UM FOUCO CANSADO DE CORRER.

LILI - Depois de explicar, acredito posso...
LILI ESCORRE, RÁPIDAMENTE, NAS COSTAS, A MAÇA QUE ESTÁ COMENDO E PARA DE MASTIGAR, FAZENDO ISTO, CHICAMENTE, QUANDO ELE NÃO ESTÁ OLHANDO PARA ELA.

VENDEDOR - Não consegui alcançar aquele maroto desobediente, mas também ele nunca conseguiu se ter que correr tanto por causa de uma maçã. Andei bem umas oito ou dez quadras em perseguição do malvado. E se chego e lhe botar a mão... ah meu Deus!... Se eu chego e lhe botar a mão nunca mais que ele ia se lembrar de roubar frutas de ninguém!

LILI - Mal feito mesmo, não é? Roubar frutas de uma pessoa que afinal tem as frutas para regoio. Acontece que os garotos de hoje são muito mal educados... muito atrevidos. Eles não querem saber de quem são as frutas. Vão logo metendo a mão e vão tirando. Ora, isso não se faz, não é mesmo? Isso é muito mal feito. Aquilo que é dos outros, é dos outros e a gente não tem o direito de botar a mão.

NO ENTUSIASMO DE MALA, LILI SE ENQUICHA QUE ESTÁ COM UM PEDAÇO DA MAÇA NA MÃO E FAZ UM GESTO ONDE MOSTRA A PONTA DE CLARAMENTE. O VENDEADOR VÊ E SE CURVA PARA A MÃO DELA, ABREGALANDO OS OLHOS

LIII - Lá na minha casa tinha uma moçeira desta altura... (é agora que o vendedor vê) pois o senhor acredita que os meninos da vizinhança não deixavam...

LIII PERCEBE QUE FOI DESCOBERTA E SE DESCONTROLA, SORRINDO AMARILHO E ESCONDENDO NOVAMENTE A BICO, POIS JÁ SEM GAITO A PASSARE A PALAR POR PALAR...

LIII - ... os meninos da vizinhança não deixavam... não deixavam... não deixavam...

O que era mesmo que nós estávamos falando?

VENDEDOR, HAIVA CONTIDA, CURVANDO-SE PARA ELA QUE REGUA LIGEIRAMENTE ASSUSTADA

VENDEDOR - Estávamos falando sobre o atrevimento do garoto que roubou a maçã do meu taboleiro, nas minhas barbas, sem respeito nenhum aos meus direitos de proprietário, mas eu já vi que não foi só o garoto o atrevido. Uma moça, a quem eu pedi para reparar pelo taboleiro enquanto eu corria atrás do garoto abusou da minha confiança e meteu a mão na propriedade alheia!

LIII - É mesmo?!... Que coisa mal feita, não é, seu coisa? E o senhor não correu atrás da moça?

VENDEDOR - Não. Não corri porque ela não disparou. Está sentada calmamente na minha frente, fingindo que não entende as minhas indiretas. Pois então agora eu vou falar francamente. A senhora também me roubou uma maçã e eu exijo que me pague.

LIII - Não, não seu coisa, para. Roubou, não. Vamos devagar. Eu não roubei. Eu tirei uma maçã para comer. É muito diferente.

VENDEDOR - Ah tirou? Então uma coisa! A senhora vai me pagar essa maçã que o senhor tirou? São vinte reais de multa.

LIII - Oá pagar! Pagar coisa nenhuma! Eu

LILI - (CONT.) Então o senhor pensa que eu ia ficar aqui cuidando o seu taboleiro de graça, é? Não tinha graça, não é? Eu sou sua empregada? Não sou. Eu sou sua irmã? Não sou. Sou sua conhecida? Nem sua conhecida eu sou, logo... Se o senhor me encarrega de um serviço o senhor tem que me pagar, or essa!

VENDEDOR - E a senhora acha que eu vou pagar vinte e dois cruzeiros para a senhora ficar aqui dez minutos reparando o meu taboleiro?

LILI - Ah bem, mas por menos eu não faço. Tenha paciência, mas não faço! O senhor não me perguntou quanto eu cobrava, agora não tem direito de reclamar.

VENDEDOR - Está bem. Um dia nós havemos de nos encontrar e eu hei de ter ocasião de tirar a minha forra.

O VENDEDOR, LOUCO DE RAIVA, PEGA O TABOLEIRO, BEBIA NO PESCOÇO E ANTES DE SE RETIRAR OLHA FIXAMENTE PARA LILI, FURILANDO-A COM PROFUNDA RAIVA MAS SEM LHE DIZER UMA PALAVRA. MAL ELE DÁ UM PASSO EM RETIRADA ELA REAGE, FURIBAMENTE.

LILI - Vê você, seu malvado.

O VENDEDOR PARA. TORNA A SE VIRAR PARA ELA.

VENDEDOR - Ora essa é muito boa! Eu lhe disse alguma coisa, por acaso?

LILI - Não disse porque não teve coragem, mas você vai me dizer que não pensei?

O VENDEDOR OLHA UM MOMENTO PARA ELA, VAI PALAS, MAS RESOLVE NÃO FAZÊ-LO, DANDO-LHE AS CUSTAS E SE RETIRANDO.

LILI - Deu-lhe a mão! Atravidei! Eu devia ter vindo vender esse sujeito pelo que ele fez. Você virou o cara que eu estava a fazer e não disse nada?... E depois, quando a gente toma uma atitude, ainda diz que a gente se prevalece porque é mulher!...

VENDEDOR - Vamos, Lili, não fique assim
tão zangada que você fica feia.

LILI - E você ainda acha que não é para fi-
car zangada?! Ora, francamente!... Se mes-
mo quem tenha sangue de barata, mas eu não
tenho!

LILI INVANHA, AVANÇA DOIS PASSOS NA DIREÇÃO
EM QUE BAIU O VENDEDOR E GRITA, FURIOSA:

LILI - Malcriado! Malcriado e Malcriado!
VOLTA INDIGNADA PARA O BANCO, SENTA E COMEÇA
A COMER COM BAIXA A MAJÁ. ENTRA UM VILHOTE CAI

CAIPIRA, EMBARAÇADO, QUE SE APROXIMA DE LILI.
(traz o videl amarrado por uma cordinha)

CAIPIRA - Bom dia, moça.

LILI - (mal disposta) Bom dia.

CAIPIRA - Inda que mal brigante, a senhora
poderia me dá uma informação, Joná?

LILI - Que informação que o senhor quer?

CAIPIRA - Eu queria, num só assunto num fôgo
se incômodo, que a senhora me insinuasse
adonde que fica a sua Comendado Carqueja.

LILI - Eu o que?

CAIPIRA - Comendado Carqueja, sua senhora.

LILI - Escute aqui: não será a rua Comen-
dador Carqueja que o senhor procura?

CAIPIRA - Não, não. É Comendado Carqueja,
meio. Inté me inspicicare que fica quasi
confronte a rua de Canala fino, depois
da Curva do Gotovelo.

LILI - Ah sim, Canals Fino... Curva do Goto-
velo...

FAZ COM OS OMBROS GESTO DE QUE NÃO BATE MAS
RESOLVE NÃO SE ENTREGAR E APÊLA PARA A IGNORANCIA.

LILI - Eu vou lhe explicar onde é. O senhor
segue por esta rua. Vai adiante. Sempre se-
guindo... sempre seguindo... quando chegar
lá no fim o senhor vai encontrar um prado
O senhor quer a mão direita e entra...

LILI - (CONT.) primeira ruazinha que en-
contrar.

CAPIRA - É lá?

LILI - Não senhor. Aí o senhor anda toda
aquela ruazinha até desembocar numa Aveni-
da larga. Anda duas quadras dessa Avenida
até encontrar um cinema. Na esquina do
cinema o senhor quebra a mão esquerda...

CAPIRA - Já quebrei a direita mais ante.
Aí quebro a direita?

LILI - Justamente. Aí quebra a direita
caminha duas quadras e vai encontrar uma
rua toda arborizada.

CAPIRA - É aí?

LILI - Não senhor, ainda não é aí. Essa
ruazinha arborizada o senhor vai andar to-
dinha de ponta a ponta. Vai desembocar
numa outra praça. Aí, no meio dessa pra-
ça, existe um chafariz. Pois bem, na rua
que vai desembocar defronte a esse chafa-
riz é que o senhor vai entrar.

CAPIRA - É aí?

LILI - Também não. Aí, numa das esquinas
dessa rua, na primeira, ou na segunda, ou
na terceira - sei lá - o senhor certamente
vai encontrar um guarda.

CAPIRA - Sim senhora. É daí?

LILI - Daí o senhor pergunta ao guarda e
o guarda lhe explica onde é. Muito sim-
ples.

O CAPIRA FICA OLHANDO UM MOMENTO DESOCCUPIADO MAS
DEPOIS PIRA O CRAPZO DA GARÇA SUA CUMTRIMENTO E
SAI.

CAPIRA - Tá bem, tá bem brigadinho, sim?
Descorpa qualquer coisa.

CORTE

F.F. de LILI, olhando a saída do
capira.

CORTA

G.P. de LILLI

FUSÃO com: P.F. de ANUNCIADORA.

AO TERMINAR...

FUSÃO Com: G.P. de LILLI

LILLI - Ora, já se viu que rum ela foi escolher para querer saber?

LILLI - Comendador Carqueja! Sei en lá! En noho que essa rum nem existe!

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

NARRADOR: - Como é, Lilli? Você hoje não vai levantar desse banco?

LILLI - Não. Eu já não disse pra você que estou de férias? Levantar pra quê? Pra andar quebrando pernas ~~pelo~~ rua e gastando sapato? Uma sola, hoje, está custando um dinheirão!

NARRADOR - O que é que não está custando um dinheirão nos dias de hoje? Diga.

LILLI - Puxa! Sem fala! Uma maçã por vinte dois cruzeiros é um absurdo, não é mesmo? Um ovo por quinze cruzeiros é uma afronta! Você não acha? Um ovo que a galinha bota brincando... Ina se fosse um ovo que ela tivesse muito trabalho... vá lá. Vamos cobrar o trabalho da galinha, mas ela bota assim sem mais nem menos e depois nem liga pra ovo

NARRADOR - É, sim, você não deixa de ter razão. Mas você pagou vinte dois cruzeiros ~~por~~ pela maçã que ~~estava~~ estava comendo?

LILLI - Bem... quer dizer... Pagar mesmo, eu não paguei, mas o preço era esse.

ENTRA UM MENINOSINHO, COM UM BRINQUEDO
QUADRADINHO NA MÃO (PODE SER UM BALEO DE
ANORSE) O MENINO VÊ LILLI E SE DIRIGE PA
RA ELA.

MENINO - Oh tia Lilli, como vai a senhora?

LILLI - Mas Toniquinho, que é que você está fazendo aqui nesta parça, Toniquinho! A sua mãe sabe que você está aqui?

MENINO - Sabe, sim senhora. Eu estava lá
comodando muito em casa e ela me mandou para
lá.

ELA SEGUROU O MENINO E O POE NO CULO

LILI - Sua mãe é louca, deixar você vir só
sinho aqui para este parque, arriscando se
perder. Você agora vai ficar aqui comigo e
depois eu vou levar você em casa.

NARRADOR - Ué, Lili, que é isso?! De repente
você virou uma seca? Quem é esse menino?

LILI - Esse garoto é um sobrinho empresta
do que eu tenho. Filho de uma vizinha. Diz
seu nome pro moço, diz.

MENINO - (Para a câmera) Antônio.

LILI - Pois é, mas não é assim que a gente
chama você. Diga pro moço saber.

MENINO - Toniquinho.

LILI - (para a câmera) Inteligente esse ga
roto que só vendo.

NARRADOR - Basta olhar para a cabeça dele
que a gente já vê que tem coisa ali dentro
que não acaba.

LILI - É muito inteligente, mesmo, muito
esperto. E o senhor sabe que ele quando me
norsinho era completamente gago?

NARRADOR - Não diga!

LILI - É verdade, sim. Não é Toniquinho?

MENINO - É verdade. Eu falava tudo assim
ga-ga... ga-ga... gaguejando. (ri)

LILI - (ri com ele) Era assim. Ai a mãe
levou-o ao médico e o médico aconselhou a
botá-lo em convívio com outras crianças pro
ver se ele aprendia a falar sem gaguejar.
A mãe então mandou-o para o casa de uma tia
que morava fora e que tinha onze filhos.

NARRADOR - É assim!

LILI - O Toniquinho foi.

NARRADOR - E ficou bom?

LILI - Ficou. Mas em compensação, quando ele veio embora, os primos ficaram todos gargalhando.

ENTRA O CAPIRA DA IMPOREÇÃO DE VOLTA EM CASA. LILI AO AVISTA-LO SE MOSTRA INVEJAMENTE DESAGRADADA, VOLTANDO-SE NO BANCO LIGERAMENTE.

CAPIRA - Eu fui lá, sabe moça?

LILI - Foi onde?

CAPIRA - Aonde que a senhora me disse que era a rua Comendado Carqueja.

LILI - É daí?

CAPIRA - Deí que quando andei as rua toda que a senhora disse, quebrei as duas mão, verei as praça e encontrei o guarda, ele me disse que eu tava errado e que a rua era justamente o vice verso do contrário do oposto e que ~~eu~~ tava errado. que eu tinha que andá era pra cá pra essa lado, intá topá com um muro de tijolo e que aí eu quebrava pra direita.

LILI - Pois então por que o senhor não vai de uma vez as vez de estar aí perdendo tempo?

CAPIRA - Porque eu tô muito cansado e vou me assentá pra adocaná um macaco.

CAPIRA SE SENTA NO BANCO, AO LADO DA LILI QUE SE ARREDA UM POUCO, FICANDO O MENINO COM OS DOIS PÉS PARA O LADO DO CAPIRA.

CAPIRA - A senhora me fez eu acanhá pra burro os meus pé chega a parede que tão pegando fogo!

LILI FAZ UMA CARSTA NOS OLHOS SEU VÉ. O MENINO ESPREGA OS PÉS NA CALÇA DO CAPIRA. O CAPIRA COMEÇA A ESPREGAR A CALÇA PARA LIMPÁ

LILI - Para quisto, Toniquinho, não tem assis, sinão você não beijá mais a tia.

CAPIRA - Engraxadinho que ela é! É rio de
sinhora, dona?

LILI - Meu filho, não senhor, que eu sou
solteira, ora essa!

CAPIRA - Discurpe, moça. Eu não sabia,
né? Perguntei (meio tom, para o lado) que
ovo!

LILI - Ela é meu sobrinho postigo.

CAPIRA - Sobrinho postigo? (Ri) Uai, xep
te nunca vi d'ê.

LILI - Muito simples. É meu sobrinho posti-
go porque me chama de tia e eu o considero
meu sobrinho, pronto. Entendeu agora?

CAPIRA - Intindi, agora

O MENINO ESPREGA OS PÉS NA CALÇA DO CAPIRA.

O CAPIRA COMEÇA A LEMBRAR AS CALÇAS, OLHANDO
DESAGRADADO PARA O MENINO.

LILI - Não seja teimoso, Toniquinho, não
faça assim. Se você continuar fazendo vo-
cê não beija mais a titia.

TONIQUINHO PARA DE FAZER, ABRAÇA-SE NO PESCOÇO
DE LILI E DÁ-LHE UM BEIJO.

LILI - O maior castigo que pode existir
para o Toniquinho é dizer que ela não
beija mais. Ele gosta de beijar a titia,
não é meu amor?

TONIQUINHO TORNA A SE ABRAÇAR NO PESCOÇO DE
LILI, BEIJANDO-A.

LILI - Aliás eu não sei o que é que eu to-
nho que todas as crianças gostam de mim.
Já quando eu morava em Teresópolis havia
uma meninazinha, filha de uma costureira
que morava ao lado da minha casa, que era
almoçada por mim. O dia que não ia lá na
casa de ver, chorava que fazia dó. Eu acho
que é porque eu tenho muita paciência com
elas.

CAPIRA - Torvaiz cheje, num é? A crinnon
é que usa os bicho. Gosta de quem trata bem
ela.

O MENINO TORNA A ESPREGAR OS PÉS NAS CALÇAS
DO CAPIRA QUE LOGO SE APASTA E CORREÇA A LIL
PAR AS CALÇAS, JÁ BASTANTE AMBULADO E OLHANDO
DO O MENINO COM OLHAR DE FÉRIA.

LILI - Não, Tonquinho, eu já lhe disse
que não faça assim e se você táimar você,
por castigo, não beija mais a titia.

CAPIRA - Óia, menino, agora quem vai disar
uma coisa pra ocê sou eu: se ocê acuntinuar
a esfregá essa botina xuja nas minhas car
ga limpa - que é as mió que eu tenho - que
eu só boto elas pra vim na cidade - quem
vai beijá a sua tia sou eu.

LILI SE APASTA PARA O LADO SURPREENDIDA E É
CANDALISADA.

CAPIRA - O que?! Como foi que você disse,
sou capira?!

CAPIRA - (zangado) Isso mesmo que a senhora
uvia. Que si esse menino marcriado acuntinuar
a esfregá as botina nas minhas carga, quem
beija a tia dele sou eu.

LILI, UM POUCO ASSUSTADA E INDIGNADA AO MESMO
TEMPO, NA MESMA HORA SE LEVANTA E BOTA O MENI
NO NO CHÃO, SEGURANDO-O PELA MÃO.

LILI - Vamos embora, Tonquinho. Vamos
sair daqui porque não esse capira abung
do ainda á cacax de me obrigar a apelar pa
ra a ignorância e não irmos parar os tres
na delegacia.

DA UM ADIUS PARA A CAMBRA AO TEMPO QUE FALA.

LILI - Desculpas, sim? Eu hoje não pude con
versar direito com vocês, mas na próxima
quarta feira eu estarei aqui outra vez e
pode falar. Hoje não dá mais! *(Colhe significativamente
para o Capira e p^o Caima)*
AUDIO - SÚFFIXO SURDICAL

LILI - Está vendo, dona Saraoura, está vendo? E depois a senhora ainda vem dizer que não é falta de sorte.

ANDORINHA, FURIBUNDA, SE LEVANTA DA CAIXA E VAI PARA ELA.

ANDORINHA - Saraoura, não é?

LILI - (espalhafato, as duas mãos na cabeça) Meu Deus, ao troquel o passarinho outra vez!

ANDORINHA OLHA PARA A CÂMERA E VÊ O PATRÃO.

ANDORINHA - O seu Mangatira vem chegando mesmo na hora.

BARABINO - E então? Muito bom negócio?

ANDORINHA - Ótimos! Esplêndidos! Só que a sua nova empregada deu tudo de presente aos fregueses. Uma caixa inteira de botões, uma peça inteira de plástico e ainda um despertador. E ^{tem mais:} deu um tombo num freguez que vinha comprar cento e cinquenta metros de morin.

BARABINO - (furioso) Porco pipa! Na então que espécie de empregada é questa?

LILI VAI FUGINDO DEVAGARINHO MAS ELE VÊ E CHAMA.

BARABINO - Não, não... adonde que a signora vai?

LILI - Vou-me embora, não é? De todo o jeito o senhor vai se sentar...

BARABINO - Não vou mudar, na signora. A signora fica.

LILI - É mesmo? Já fico?! Que coisa boa!

BARABINO - É lógico que fica. Vá a trabalhar e um mais interinho por pagarem os prejuízos que a signora me deu a me.

LILI CAI SENTADA NUMA CADEIRA, NUMA TRANSIÇÃO BRUSCA DA ALGUEIRA PARA O DESENHO E COM A MÃO INDICA A ANDORINHA, ATRAS, SEM SE VIRAR.

LILI - Foi esse papagaio que me deu... Estou convencida que foi.

LILI BURTA

HISTÓRIA E REALIZAÇÃO DE ERICO GRAMER

PERSONAGENS:

NARRADOR..... GRAÇA GUIMARÃES
LILI..... MARLY BUEHO
CIGANA..... MARIA DE LOURDES COLANES
SENHORA..... NORAH FORTES

GENÊRIOS:

- 18 - A MESMA PRAÇA COM BANCO E COLUNAS, DOS
PROGRAMAS ANTERIORES.
- 28 - DUAS TAPADEIRAS DE 2 METRO CADA UMA, FORMANDO
UM ÂNGULO E SOBRE UE DOS LADOS DO ÂNGULO UMA
TENDA ÁRABE DE PAZENDA, CUJO TOLDO É SUSPEN-
TADO POR DUAS LANÇAS.

DATA DA APRESENTAÇÃO..... 10.5.1961

TV PIRATINI - CANAL 5

LILI BIKOTA

HISTÓRIA E REALIZAÇÃO DE E. CRAMER

.....
SLIDES DE ABERTURA: (Os de costume)

AUDIO: - PREFIXO MUSICAL

ABERTURA em: G.P. de LILI, sentada no
banco do jardim.

AFASTAMENTO até P.M. de LILI

- SET DE JARDIM -

LILI - (suspirando fundo) Ai, ai...

NARRADOR - Ué, Lili, que suspiro foi esse?

LILI, SORRISO TRISTONHO, DA UM ADEUS À CAMERA

LILI - Alô! Eu estou aborrecida, sabe?

NARRADOR - Por que, Lili?

LILI - Terminaram as minhas férias e eu já
estou, outra vez, na função de procurar um
prego. Coisa enjoada trabalhar, não é mesmo?

NARRADOR - Bem, pode ser que seja enjoada,
mas não deixa de ser necessária.

LILI - Principalmente pra quem é pobre que
se não trabalha não come, mas se eu pudesse
arranjar um meio de viver sem trabalhar...

NARRADOR - Não é bom, Lili. Você conhece
uma doença que se chama tédio?

LILI - Já ouvi falar. Por que?

NARRADOR - Pois o tédio é o aborrecimento
maior porque é o fastio total. E o t'edio
só dá em quem não trabalha.

LILI - Não, não... então eu prefiro traba
lhar.

NARRADOR - Isso mesmo, Lili. E depois você
tem saúde que é o melhor bem que pode exis
tir. A vontade de trabalhar a gente desen
volve.

LILI LEVANTA RESOLUTA, NA ATITUDE DE QUEM VAI

LEVANTAR PESO.

LILI - Isto mesmo. Então... vamos trabalhar.

NARRADOR - Ótimo, Lili. E o que é que você vai fazer?

LILI - (arrefecendo) Pois é, não é? O que é que eu vou fazer? Eu mesma não sei.

LILI TORNA A SENTAR DESANIMADA. ENTRA UMA CIGANA VELHA QUE SE DIRIGE PARA ELA.

CIGANA - A ver la mano. Quiere sacar la suerte? Yo te voy a decir todo. El pasado, lo presente y lo futuro. A ver la mano.

LILI OLHA A CIGANA E SOÇA A CABEÇA INDECISA.

LILI - Eu podia, não é? Mas eu acho que eu não tenho nem um miserável cruzeiro na minha bolsa. Já pra vir pra cá foi uma discussão dentro do bonde. "A senhora não pagou." - Paguei. - "Não pagou." - Paguei. - "Se não quer pagar tem que descer." - Não desço. Já paguei não desço. No fim o cobrador acabou desistindo e eu não paguei mesmo.

LILI ABRE A BOLSA E COMEÇA A PROCURAR DINHEIRO. TIRA, COMO SEMPRE, AS COISAS MAIS DISPARATADAS, QUE VAI BOFANDO EM CIMA DO BANCO. POR FIM BOTA TAMBEM UM CANIVETE QUE A CIGANA LOGO APANHÁ E COMEÇA A EXAMINAR COM ATENÇÃO. LILI VE E PROPÕE:

LILI - Olhe aqui, coisinha: eu não tenho dinheiro mas tá ficou com o canivete e lês a minha sorte. (Pausa) Combinado?

A CIGANA NAO RESPONDE E CONTINUA EXAMINANDO O CANIVETE. ELA FAZ O BLEGIO DO CANIVETE. (CAMELOT)

LILI - É um canivete maravilhoso, importado diretamente da cidade de Sapucaia. Seu cabo é inquebrável e sua lâmina inoxidável, feita com o melhor aço de volta quadrada. Não é redonda, não, hein? não confunda. Corta agua, papel, poeira, massa cozida e todo e qualquer

LILI - (CONT.) ...objeto de igual consistên-
cia. É de formato elegante e precisão absolu-
ta. Não falha nunca. No momento em que você
botar a mão no bolso e puxar por ele, pode
contar certo que ele sai logo do bolso! Uma
maravilha! Um assombro! Uma coisa louca!...
(Pausa breve. Muda tom) Como é cisinha?
Vais deixar secar a minha saliva? Quer ou não
quer?

A CIGANA BOTA O CANIVETE NO BOLSO E SANTA NO
BANCO, SEGURANDO A MÃO DE LILI, SEM OLHAR.

CIGANA - Tú tenés vida comprida. Tu suerte
es mui buena y feliz. Es una muchacha pobre,
pero mañana ou después, por vueltas de la
suerte, quedarés mui rica y poderosa. Hay un
joven que te gusta, pero que no te quiere y
hay un viejo que te desea pero que no te en-
teresa. Lo caso es que el viejo es mui rico
e se va a morir en seguida por eso lo debes
garantir. Tenés una gran abogada que es tu
belleza, entiendes?

~~EXERKE~~ LILI - Eu tenho o quê? Não entendi.

CIGANA - Una gran abogada.

LILI - Não sei o que é isso.

CIGANA - Caramba! No sabés lo que es abogado?

LILI SACUDA A CARTA NEGATIVAMENTE.

CIGANA - Abogado es el hombre que hace la de-
fensa de un otro hombre.

LILI - Que hace o quê?

CIGANA - (impaciente) Le defensa.

LILI - Não entendi.

CIGANA - A ver, muchacha: usted está sentada
acá. Yo vengo y la quiero meter. Corre un hom-
bre y no deja que hace el hombre? Una defen-
sa. Por eso lo digo que abogado es un hombre
que hace la defensa de otro hombre. Entendido?

LILI - Espera aí... deixa eu ver... Mas primeiro me diz uma coisa: é defesa mesmo que você quer dizer ou é ofensa? Você não está pronunciando errado?

CIGANA - Não, não... ofensa é uma coisa e defesa é outra muito distinta.

LILI - Obrigadinha. Então espera aí, deixa ver se eu compreendi mesmo. Quando a gente tem uma ofensa sobre um ombro, atira pra outro ombro; não é isso? Quer dizer... a gente não liga... não dá bola... vai levando...

CIGANA - (zangada) Uste no entende, caramba!

LILI - (idem) Pois então fale a língua de gente de fora bolas! Como é que tá querendo que eu entenda falando tudo atravessado?

A CIGANA TORNA A PEGAR A MÃO DE LILI.

CIGANA - Vamos adiante que es lo mejor.

(Pausa) Usteã se va a casar tres veces.

LILI - Ah não! Esta não!

LILI COMEÇA A MOSTRAR AS LINHAS DA PRÓPRIA MÃO

LILI - A minha avó não era cigana mas também lia a mão e muito bem por sinal. E ela me ensinava. Quer ver? Está aqui a linha do casamento. Cada cortezinho atravessado é um. E está bem claro, né? O primeiro casamento... aqui é este aqui é o segundo. Onde é que está o terceiro? Não tem terceiro nenhum.

PEGAR A MÃO DA CIGANA SEM DAR TEMPO A QUALQUER

REAÇÃO E COMEÇA A EXAMINAR AS LINHAS.

LILI - (Depois de pausa) A von também tem dois, é. Um... e dois.

A CIGANA OLHA MUITO ATENTADA PARA LILI E CONSPIRA

CIGANA - Si, si... yo se caue dos veces.

LILI - E quantos filhos que tá tiveste, por sinal... (contando e apontando) Um... dois... três... quatro... cinco... seis... sete...

LILI - (CONT.) oito... nove... dez... onze...
e este aqui tem uma cruzinha logo ao lado...
(Pensa e acha) Ah, já sei. É um que nasceu
morto.

CIGANA - Pero es formidable, muchacha!...
Es formidable!... Lea, lea...

LILI OLHA MAIS UM POUCO E PÕE A MÃO EM ATITUDE
DE QUEM PRDE DINHEIRO. A CIGANA REBUTA.

LILI - (num espinhol brabo, imitando) Hay cada
cose louca de bacana acá na tua mano, mas ven
te vindo con el canivete de cuelta que yo te
los cuento. (Pausa maior) Se no me quieres dar
lo canivetes yo no feço questinne. Ven con
vinte mangos que yo te lo cuento iguales.

A CIGANA TIRA DO BOLSO O CANIVETE E UMAS NOTAS
DE DINHEIRO/ SEPARA UMA DE VINTE E FAZ COMPARA
ÇÃO COM O CANIVETE. POR FIM ENTREGA O DINHEIRO.
ESTENDE EM SEGUIDA A MÃO PARA LILI.

CIGANA - A vez, ahora. Diga-me lo que tiene
mas.

LILI PISCA O OLHO PARA A CAMERA.

LILI - (em portuguez) Escuta bem, coisinha:
(em castelhano brabo) Hay una cigana viéja
que é a mujér do jefe del bando. Éja está do
liente, no está?

CIGANA - Si, si... ela está enferma... y muy
enferma. Pero dicen que la curan.

LILI - (negativa) Han-hun! Éja vá morir e us
tado se vá a casar con el viéjo e ficar donha
daquela dinherama toda!...

A CIGANA SE LEVANTA COMO QUE TOCADA POR UMA MOLA,
OS OLHOS ARREGALADOS DE COBIÇA E SATISFAÇÃO.

CIGANA - Voy a casar con el jefe!... Voy a
casar con el jefe!...

SAI CORRENDO PELA CAMERA E GRITANDO

CIGANA - (afastando) Voy a casar con el jefe!

LILI ACOMPANHA A SAÍDA DA CIGANA SORRINDO, OLHA PARA A NOTA DE VINTE CRUZEIROS, ABRE-A PARA MOSTRAR À CÂMERA, FISGA O OLHO MAROTA E COMEÇA A RIR COM VONTADE.

NARRADOR - VOCÊ É DE MORTE, HEIN LILI?

LILI - (INGÊNUAMENTE) POR QUE?

NARRADOR - ACABOU LENDO A MÃO DA CIGANA E AINDA LHE TIROU ~~XXXXXXXXXX~~ VINTE CRUZEIROS.

LILI - (RINDO) VOCÊ VIU SÓ QUE COISA GOSADA!

NARRADOR - AGORA, AO VOLTAR PARA CASA, VOCÊ JÁ NÃO PRECISA DISCUTIR COM O COBRADOR.

LILI - SE APARECESSE OUTRA QUE ERA BOM! EU TIRAVA MAIS VINTE E JÁ DAVA PRA UM COMPLETO NO BAR DA TELEVISÃO.

NARRADOR - (RINDO) ÔRA JÁ SE VIU O QUE HÁ VIA DE ACONTECER?! A LILI VIROU CIGANA.

LILI DÁ UM TAPA NA TOSTA. TEM UMA IDÉIA.

LILI - EU VOU FAZER UMA COISA.

NARRADOR - QUE É QUE VOCÊ VAI FAZER?

LILI - NÃO DIGO. POR ORA É SEGREDO. DEPOIS VOCÊ VAI SABER.

APROXIMAÇÃO até G.P. de LILI, pensando.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA

FUSÃO com G.P. de MARGARIDA - COMERCIAL

Ao terminar

APROXIMAÇÃO até G.P. de MARGARIDA

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA

FUSÃO com G.P. de LILI, de trunfo, vêo no rosto, só os olhos descobertos, sem tuda nenas almofadas colocadas sobre um tapete. Na frente dela uma mesinha oriental e ao lado uma banquetta do mesmo estilo. Na mesinha há uma coruja, bola de cristal com luz dentro, bucos, barga lhos e etc.

AFASTAMENTO até P.M. de LILI

- SET DA TIPAGRIAS COM TENDA DO PANO -

AUDIO - DISSOLVIM.

ENTRA PELA CÂMERA UMA SENHORA GORDA, MUITO EFFETIVADA, MUITO ESPALHAFATOSA, DE CHAPÉO E BOLSA.

SENHORA - A senhora é que é Madame Catarina Parlatutti, a célebre vidente, quiromante, astróloga e outros bichos do mesmo pelo?

LILI ACENA AFIRMATIVAMENTE COM A CABEÇA E INDICA A BARQUETA ONDE A SENHORA SENTA COM GRANDE DIFICULDADE. LILI FALA PAUSADA E TEATRALMENTE.

LILI - Sim, sou eu. Poderia-lhe dizer que vou iluminada por uma centelha de luz divina, mas a tanto não vou. Prefiro que os fatos falem por mim. A senhora quem é?

SENHORA - Uma esposa traidora! Uma mulher desesperada! Uma pobre e infeliz criatura que ama com desespero o seu marido e cá vê fugir aos poucos dos seus braços, sem nada poder fazer para retê-lo.

LILI - Escuta aqui, vizinha, não faz drama. Conta logo o troço como é que lá é.

SENHORA - Contar eu?! Não senhora. Não lhe direi uma só palavra do meu drama porque, como vidente, a senhora tem obrigação de adivinhá-lo.

LILI - E adivinho mesmo. Quer ver?

LILI SE CURVA SOBRE A BOLA DE CRISTAL E VAI FAZENDO GESTOS E REPRESSÕES ADEQUADAS.

LILI - Que a luz dos astros perdidos na grandeza do infinito illumine a bola de cristal, mostrando-me a verdade. Se estão certos os meus pensamentos que ela se illumine uma só vez. Se estão errados que se acenda e se apague duas vezes.

DOS GESTOS LARGOS LILI VAI BAIXANDO AS MÃOS E POR FIM COMPRIME UM BOTÃO ELÉTRICO QUE ESTÁ COLOCADO NA BARRA, DO LADO OPOSTO AO QUE ESTÁ A SENHORA.

DET. da mão de LILI comprimindo o botão

ILUMINAÇÃO - A LUZ DO GLOBO SE ACENDE E SE APAGA.

CORTE

P.P. de SENHORA, MUITO ADMIRADA COM OS
olhos muito arregalados.

CORTE

P.A. das DUAS.

LIII - Sim, meus pensamentos estão certos,
ou melhor, aquilo que eu estou vendo é real.
(teatral) Eu vejo uma outra mulher que se
atravessa, pecaminosamente, na vida de um
casal que antes era unido e vivia na maior
felicidade.

SENHORA - (como quem torce em futebol) Isso
isso! Exatamente isso!

LIII - E eu vejo, também, um homem enfeiti-
gado por essa mulher, esquecer os seus deve-
res de cidadão honesto e chefe de família
exemplar, para se deixar enredar nas malhas
da artificialidade dessa serena inconsciente
e criminosa.

SENHORA - Isso! Isso! Exatamente isso!

LIII - Eu vejo a esposa gritando, chorando,
reclamando, querendo fazer valer os seus di-
reitos e o homem retrocedendo, se afastando,
fugindo e maltratando!

SENHORA - Isso! Isso! Exatamente isso!...

LIII - E eu vejo, ainda, que estará tudo per-
dido e...

SENHORA - (corta num gemido que é mais um
grito) Ai, não diga!...

LIII - ... que estará tudo perdido se a int-
ferência dos astros não for invocada. Mas
nós estamos aqui para isto. Para pedir aos
astros do infinito que iluminem as ideias
obscurecidas desse homem que se deixou arre-
tar pela sedução do pecado, mostrando-lhe
que o seu caminho é o regresso ao lar e que

LILI - (CONT.) a verdadeira vida é ao lado da sua esposa, a única mulher que lhe pode dar o que se chama de verdadeira felicidade!

SENHORA - Issol Issol Exatamente issol...

LILI - E se os astros estão dispostos a atender esta invocação, que se ilumine a bola de cristal diante dos meus olhos!

GESTOS LARGOS ATE DESCOBRIR A MÃO PARA O BOTÃO.

CORTE

DET da mão no botão.

ILUMINAÇÃO - ACENDE E APAGA O GLOBO S/A MESA.

SENHORA - Ela me disse que vai embora, que me deixará e que nunca mais voltará.

LILI - Ele irá embora, sim... mas voltará. Ele nunca te deixará. (Para o globo) Não é verdade que tudo será como eu digo?

GESTOS LARGOS E MÃO DESCOBRIDA PARA O BOTÃO

CORTE

DET. da mão no botão

ILUMINAÇÃO - O GLOBO ACENDE E APAGA.

LILI - Pode ir tranquila. Tudo acontecerá conforme os astros determinarem.

A SENHORA SE LEVANTA RADIANTE E SE AGEITA TODA.

VAIS SAINDO RISONHA E HERVOSA.

SENHORA - Muito obrigadinha, Madame. Muito obrigadinha. A senhora me deu vida nova. Eu saio daqui outra! Leve como uma pluma! De alma tranquila e coração alegre!... Adeusinho, querida, obrigada.

A SENHORA VAI SAINDO TODA REQUEBRADA, LILI CHAMA

LILI - Escuta aí, vizinha... volta aqui um bocadozinho, sim?

A SENHORA VOLTA, NO MESMO PASSO SALTITANTE. LILI

OLHA PARA ELA E BATENDO-LHE A MÃO, COBRANDO.

SENHORA - Que é isso?

LILI - Que é isso? Os astros me contam coisas mas não me mandam comida.

A SENHORA QUE ESTÁ RISONHA, MUDA AUTOMATICAMENTE DE EXPRESSÃO.

SENHORA - Ah, eu tenho que pagar, é?

LILI - Naturalmente. Ou a senhora pensa que eu vivo do ar. Vem, vem... vem te vindo com duzentos bicos.

SENHORA - Duzentos cruzeiros? É duzentos cruzeiros a consulta?

LILI - É, sim. Por que? Acija caro, por acaso?

SENHORA - Acho.

LILI - Está bom, eu deixo por cem.

TOMA A EXTENDER A MÃO PARA ESPERAR O DINHEIRO.

A SENHORA TIRA O DINHEIRO DA BOLSA.

SENHORA - Eu vou pagar, mas eu quero que a senhora escreva o que me disse, para, mais tarde, não poder fugir à responsabilidade.

LILI - É pensa que eu não escrevo? Pensa que eu tenho medo? Os ástros não mentem já mais!...

LILI PROCURA ALGO E ENCONTRA UM GRANDE CARTÃO

ONDE FINGIRÁ QUE ESCRIBE COM TINTA OU GIZ.

LILI - Vou escrever aqui mesmo, neste cartão, com letra bem grande, que é pra ficar bem claro. A senhora disse que o seu marido lhe ameaçou de ir embora e não voltar nunca mais e então a senhora veio aqui para saber se ele ia mesmo; não é verdade?

SENHORA - Exatamente.

LILI - Pois então veja o que eu vou escrever.

FINGE QUE ESCRIBE E VAI DIZENDO CADA PALAVRA.

LILI - Irá Voltará Nunca Te Deixará.

E ainda assino. Catarina Parlatutti.

LILI DEPOIS DE FINGIR QUE ASSINA MOSTRA PARA A CAMÉRA UM GRANDE CARTÃO ONDE ESTARÁ ESCRITO COM LETRA MANUSCRITA AS SEGUINTE PALAVRAS.

IRÁ VOLTARÁ NUNCA TE DEIXARÁ.

APROXIMAÇÃO até DEB do cartão para que se leia bem claramente o que está escrito: Irá Voltará Nunca Te Deixará. Catarina Parlatutti. (Todas as iniciais das palavras devem ser maiúsculas - letra manuscrita).

LILI - Irá, voltará, nunca te deixará. Catarina Parlatutti. (TOM) Pronto. Agora vem com a grama.

A SENHORA ENTREGA COM CRUZEIROS A LILI E RECOHE O CARTÃO QUE OLHA DETIDAMENTE.

SENHORA - Então passe bem a raze para que saia tudo direitinho como a senhora disse, porque sinão eu volto aqui e a senhora vai passar de Parlatutti a Parlaniente.

LILI FAZENDO GESTOS DE SAIR COM A MÃO

LILI - Sai, sai...

A SENHORA SAI PELA CORDOEA, HÁ UMA PAUSA EM QUE LILI OLHA NA DIREÇÃO EM QUE ELA SAIU, LOGO A SEGUIR ARRANCA A TRINFE E O VEO, BUPARDO DE CANSADA, EM QUANTO PASSA O PENTE NOS CABELOS.

LILI - Ufa!... E ainda há quem diga que deste jeito a gente ganha a vida facilmente. Pois sim, facilmente. Facilmente uma conversa.

APROXIMAÇÃO até G.P. de LILI,

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA.

FUSÃO com: G.P. de SENHORA., sentada exatamente no banco onde ali costumava estar.

AFASTAMENTO até P.M. de SENHORA

- set DE JARDIM -

A SENHORA OLHA FIXAMENTE PARA UM PONTO.

Senhora - É ela, sim. Está um pouco diferente mas os olhos são os mesmos. Não tem dúvida que é/ ela.

LILI CHEGA E XEEE SENTA AO LADO DA SENHORA.

SENHORA - Oiá! Como vai a senhora?

LILI - Bem. A senhora me conhece?

SENHORA - De sobra. Não se lembra deste cartão?

LILI OLHA O CARTÃO E FICA DESCONFIA DA, MOSTRA
DO-SE REGROSA.

LILI - Sim, sim... agora... agora estou me lembrando.

SENHORA - Pois eu ia agora lá na sua casa por causa deste cartão. A senhora escreveu o que está aqui: Irá. Voltará. Nunca te deixará. E sabe o que aconteceu?

LILI - (rápida, como quem adivinha) Ele foi e não voltou?

SENHORA - Exatamente. E o pior ainda não é isto. Já faz três meses que me deixou e agora me mandou uma carta pedindo o desquite. Já vê que a senhora me mentiu e vai prestar contas do que fez.

LILI - ~~Nunca~~ Espere, espere... Deixe-me ver o cartão. (Pausa. Pega o cartão e o examina)

DE REPENTE LILI FAZ UMA IDLIA QUE SEUS OLHOS LOGO REVELAM. DÁ UM TAPA NA TESTA E APRESENTA O CARTÃO.

LILI - Está certo, está certo.

SENHORA - Como está certo?

LILI - Está certo, sim senhora. Eu não tenho culpa que a senhora colocasse a pontuação errada. Quer ver?

VIRA O CARTÃO DE MODO A FICAR BEM VISIVEL DOS TELEESPECTADORES E VAI PONTUANDO.

LILI - Irá. Ponto. Voltará nunca. Ponto. Te deixará. Portanto, minha filha, eu não tenho culpa que você ~~tenha dado~~ tenha dado interpretação diferente. O que sei é que os astros não mentem, jamais!...

LILI FAZ UMA POSE DE VITORIA. A OUTRA SE CURVA DESAFONTADA.

21,15

LILI BIRUTA

Trico

HISTÓRIA E REALIZAÇÃO DE E. GRAMER

PERSONAGENS:

NARRADOR..... Graça Guimarães
 LILI..... Márcia Bueno
 LOCUTOR..... Antônio Lara
 HANS..... Walter Brode
 GRETEL..... Paula Shell
 1º CARREGADOR..... Julio Flávio
 2º CARREGADOR..... Vinícius Salvador

CENÁRIOS:

- 1º) - QUARTO MODESTO COM PORTA A ESQUERDA, JANELA COM VENEZIANA À DIREITA E PAREDE LISA AO FUNDO.
- 2º) - FIAMBREIRA COM PEQUENO ARGO AO CENTRO DA PAREDE DO FUNDO, PAREDES LISAS À DIREITA E À ESQUERDA.

DATA DA APRESENTAÇÃO..... 17.5.1961

TV. PIRATINI - CANAL 5

SLIDES: (ABERTURA DE SEMPRE)

ÁUDIC + PREFIXO MUSICAL

ABERTURA em P.P. de LILI, arrumando e roste e espelhando a pele na frente de um espelho.

AFASTAMENTO até P.M. de LILI.

QUARTO MODESTO -

LILI - Puxa vida... Eu estou sem a cara tão amassada que nem adianta betar pintura. É só perder tempo.

CAMINHA PARA A CAMA E TEM UM ACESSO DE FÚRIA CONTRA A MESMA, ESMURRANDO-A COM FORÇA.

LILI - Tinha esta perreia desta cama deixa a gente com a serpe toda deitada... a gente não descansa, fica com a cara de pão cozido. Perreia, perreia e perreia...

VEM PARA A CÂMERA E FALA SONHANDO.

LILI - Ah, se eu pudesse comprar um daqueles selinhos azuis, que a gente se deita neles e parece que está nas nuvens... Coisa boa. Mas também não é que eu vou comprar? Tenho que dar graças a Deus de ter essa droga aí pra se deitar na cama...

NARRADOR - O que é que voce está aí resmungando, Lili?

LILI - (ADUSINHO) Alô. Você estava aí? Nem tinha lhe visto.

NARRADOR - Ih, faz tempo que eu estou aqui. Desde que você começou a examinar e seu rosto no espelho.

LILI SE ACORDA, REPENTINAMENTE E FICA QUEIMADA.

LILI - Mas espere aí... venha cá: quem é que lhe autorizou a entrar na intimidade... do meu lar?

NARRADOR - Como é, Lili? Na intimidade do seu lar, você disse?

LILI - Claro. Quer dizer... é um quartinho muito de mixurra, mas não deixa de ser o meu lar, não é? Por tanto... como é que você vai entrar, assim como quem vai pra picanha? Não pode.

NARRADOR - Tem razão. Lili. Tem toda a razão. Eu peço desculpas e me retire.

LILI - Bem... quer dizer... agora, já que está aqui... pode ficar. De todo e jeito já me viu com a cara amassada. Que é que adianta sair...

NARRADOR - Você estava se queixando da cama é?

LILI - Claro. Uma cama horrível que deixa a gente sem os ossos todos deitados, você acha que eu não tenho razão? A minha esperança é um tal de sofá cama que vai ser sorteado num programa de rádio e eu já mandei as palhas da rapadura que a gente tem que comprar pra ter direito ao sorteio. E por falar nisso... você tem horas?

NARRADOR - São precisamente... (DIZ A HORA EXATA DO MOMENTO)

LILI - Ih meu Deus, então já começou o programa. Já começou, não. Já deve estar quase terminando. Que vale que o sorteio é na fim.

LILI VAI PARA UM RÁDIOSINHO MUITO ANTIGO E MIXURUCA E LIGA, SENTANDO-SE NA CAMA PARA BUVIR.

LOCUTOR -(P.Q.) E agora vamos proceder ao monumental sorteio de maravilhosos sofás cama... (DÁ TODAS AS CARACTERÍSTICAS DO SOFÁ QUE SERÃO PEDIDAS AO DEPARTAMENTO COMERCIAL)... que é uma oferta das famosas rapaduras Baba Queixe, as mais puras e mais procuradas. P.R.V.C. a sedilhada, Rádio Pitanga de Pitangui, transmitindo, diretamente dos seus estúdios de Hiesque da feira livre, para o Brasil e para o mundo.

LILI -(NERVOSA) Anda, coisinha. Deixa de convences fiada e faz o sorteio dessa vez. O perçeria.

LOCUTOR (P.Q.) E agora temos aqui a proprietária da Fábrica de Rapaduras Baba Queixe, que vai, ela mesma, em pessoa, retirar uma, entre as milhares de palhas de rapadura que lotam completamente os nossos amplos estúdios deis tres. A senhora Palmira Comedese está metendo

LOCUTOR - (P.Q. CONT.) A senhora Palmira Ceme-dece está metendo a mão na barriga das palhas de Rapadura. Atenção. Vai chutar, quer dizer, vai retirar uma palha. (FORTE) Retireu... A senhora Palmira Ceme Dece retirou a palha de dentro da barriga e acaba de passá-la às mãos deste humilde locutor que vai anunciar ao Brasil e ao mundo a feliz contemplada com a maravilha sefá cama.

LILI QUE TODO O TEMPO ESTEVE TORCENDO, NERVOSA, ORA SENTADA ROENDO AS UNHAS, ORA LEVANTANDO E COÇANDO A CABEÇA OU ESFREGANDO AS MÃOS, VAI PARA O RÁDIO GESTICULANDO E GRITA, NERVOSA.

LILI - Anda mais veiz, coisinha. Não excede o sujeito chato. Em vez de dizer lege fica fazendo bequilha. (GRITA) Fala, anda.

LOCUTOR - (P.Q.) Atenção, senhoras e senhores Chegou o momento emocionante de declarar o nome da feliz contemplada. Contemplada, não Contemplada, porque é mulher. (T) Que lerta brado, meu Deus. (T) Senhoras e senhores vamos anunciar o nome da contemplada.

LILI JUNTA AS MÃOS COM FORÇA, FURIOSA.

LILI - Você já disse isto. Fale de uma vez, degranhente.

LOCUTOR - É Lili biruta, senhoras e Senhores.

ÁUDIO - UM ACORDE QUE BUGIRA CHOQUE ALEGRE.

LILI SE LEVANTA E ARREGALA OS OLHOS.

LILI - Ganhei... Ganhei e sefá cama... É meu... é meu...

INVESTE PARA O RADIO FURIOSA.

LILI - Mas o meu nome não é Lili Biruta, está ouvindo? Meu nome é Lili Bairuta. É bairuta, ouviu, seu ignorante. Bairuta.

LOCUTOR - A senhora Lili Biruta está convidada a comparecer aos nossos estúdios no próximo programa para receber o prêmio que lhe cabe. (BEM RÁPIDO, COMO QUEM DISPARA PARA TERMINAR LOGO) E caso o nome esteja exgetado, despedine-nos aqui, desejando uma boa noite aos nossos queridos ouvintes e anunciando para o próximo mês, mais um dos nossos maravilhosos concursos, num patrocínio exclusivo

LOCUTOR (CONT.) Patrocínio exclusivo das rapaduras Baba Queixo. Graças pela atenção e boa noite.

ÁUDIO - MUSICA QUE SERVA COMO CARACTERÍSTICA DO PROGRAMA. QUE ESTEVE SENDO APRESENTADO.

LILI DESLIGA O RÁDIO E VAI PARA A CÂMERA.

LILI - Ah, meu Deus. Graças a Deus que eu tirei o sofá cama. Já não vou mais dormir neste sofá mixurucas e horríveis. Mas o que eu estou com raiva é dele estar me chamado de Lili Biruta. (PENSA) Eu vou lá na fiabreria de seu Hans agora mesmo e vou telefonar pra ele e dizer que o meu nome é Bairuta.

LILI SAI PELA PORTA E A CÂMERA SE APROXIMA DO RÁDIO.

APROXIMAÇÃO até DET. do RÁDIO.

ÁUDIO - PASSAGEM BREVE.

PUSÃO com P.P. de HANS, strax de um balcão onde há salsichas, linguças mortadelas, galinhas e outras coisas penduradas. Na extremidade do balcão há um telefone.

- FIABRERIA -

ILUMINAÇÃO - EFEITO DE NOITE

SOBRE UM CANTO DA FIABRERIA ESTÁ GRETTEL, SENTADA À FRENTE DE UMA MAQUINA REGISTRADORA. É UMA ALEMÃ SÁDIA, MAS DE CARA FEIA.

HANS - Está uma barbaridade hoje. Sem movimento nenhum e fiabreria. Nem valia a pena ter ficado com a casa aberta. Era melhor que a gente tivesse ido dormir cedo. A esta hora estava no quentinhe e não gastava luz.

GRETTEL - Eu dáisse pra você, Hans. Eu avisei. Você é ganancioso... bom feito pra porco da sua casa, pronto.

HANS - Perceira...

LILI ENTRA PELA CÂMERA, MUITO RISONHA.

LILI - Boa noite.

HANS - Boa noite. (MIRIO TOM, VIRANDO PARA GRETTEL) Ora até que enfim parece que vem uma fresta.

GRETEL - (MEIO TOM CARA DE POUCO CASO) Esta aí? Mas fácil um burro voar do que ela comprar qualquer coisa.

LILI - Seu Hans, e senhor se dá licença para eu falar no telefone?

GRETEL - (MEIO TOM, PARA HANS) Eu não disse?

LILI - Eu tirei um sofá casa no sertão da Rádio Pitanga mas o homeminho falou que o meu nome era Lili Biruta e eu quero dizer pra ele que não é Biruta, que é Bairuta.

GRETEL - E só por isso a senhora vai gastar cinco cruzeiras?

LILI - Cane cinco cruzeiras?

GRETEL - Cane? Diz pra ele, Hans.

HANS - É que o telefone subiu muito e então a gente agora cobra cinco cruzeiras cada ligação pra ajudar a pagar; não é?

LILI - O que?... Cinco cruzeiras por uma ligação de telefone?...

GRETEL SAI DA REGISTRADORA E VEM PARA O BALCÃO
COLOCANDO-SE AO LADO DE HANS, AGREE
SIVA.

GRETEL - É sim, senhora. Cinco cruzeiras por uma ligação de telefone. Acaso não gastou?

LILI - Engraadinha que ela é. É a senhora acha que eu podia gastar?

GRETEL - E a senhora acha que a gente tem telefone pra os outros falarem? Engraadinha

LILI - Está bem, eu pago as cinco cruzeiras, só que eu não trouxe dinheiro e eu pago depois tá bem?

GRETEL - Este negócio de pagar depois, não me agrada muito, e senhora sabe? Outro dia...

LILI - (CORTE, IMPACIENTE) Para aí vizinha. Eu estou falando é aqui com o seu Hans. Vai te sentar lá onde tu estava, vai.

GRETEL VAI SENTAR, OLHANDO DE MÁ HONTADE PARA LILI E REEMUNGANDO UMA PORÇÃO DE COISAS EM ALEMÃO, ELA RESPONDE QUALQUER COISA COMO CUM DIZ: "PARA, GRETEL, TAMBÉM NÃO É TANTO".

LILI - Que é que ela está dizendo de mim, vizinho, diz?

HANS - Oh, umas bobagens sem importância. Ela é muito resmungosa.

LILI - Bobagem dela, não é mesmo? De todo o jeito e telefone tá aí quieta não tá rendendo nada. Si eu fali, ele rende cinco cruzeiros. Não pago hoje mais rende. O senhor não acha que eu tenho razão? O senhor deixa eu falar, não deixa?

HANS ESTÁ QUERENDO DEIXAR, MAS AO MESMO TEMPO ESTÁ COM MEDO DAS RANZINZICAS DA MULHER E FICA INDECISO. LILI VAI BOTANDO A MÃO NO TELEFONE E FAZENDO A LIGAÇÃO.

LILI - Eu sabia que o senhor deixava. O senhor sempre foi um vizinho muito esmaredado e depois a gente está no mundo para servir umas outras, não é mesmo? Uma mãe lava a outra,

HANS - Como é isto que a senhora diz? Uma mãe lava a outra?

LILI - Pois é, quer dizer... (NO TELEFONE) Alô... um momentinho que eu estou explicando uma coisa pro seu Hans e já fale com o senhor... (PAUSA HANS.) Uma mãe lava a outra quer dizer que... hoje... e telefone lava a minha mãe não é? e amanhã a minha mãe lava o telefone. Tão simples...

ENQUANTO LILIX VOLTA A ATENDER O TELEFONE, HANS FAZ CARA E GESTO DE QUEM NÃO ENTENDEU COISA ALGUMA. OLHA PARA A MULHER E ELA FAZ GESTO DE QUE LILI É MALUCA.

LILI - Frente, eu já expliquei pro seu Hans como é que uma mãe lava a outra e agora não podemos conversar. O senhor sabe que fui eu que tirei o cabelo para o Concurso das Rapaduras Baba Queixe? (PAUSA) Foi eu, sim senhor. Mas eu quero dizer pro senhor que ele disse e meu nome errado que eu não sei Lili Biruta, Seu Lili Bairuta, entendeu bem? (PAUSA) Não senhor se escreve Biruta mesmo mas se pronuncia Bairuta. (PAUSA) Escuta, vizinho, eu não podia falar com ele? (PAUSA) Já saiu? Está bem então depois eu vou aí. Tchau.

LILI DESLIGA O TELEFONE E OLHA PARA HANS.

LILI - Prente. Já felei.

MOSTRA O TELEFONE PARA HANS, OLHANDO SIGNIFICATIVAMENTE PARA GRETTEL.

LILI - Faça o favor de ver que o telefone está inteirinho, que eu não sei nenhuma peça, tá?

LARGA O TELEFONE NO LUGAR E COMEÇA A EXAMINAR OS FREIOS, LAMBENDO OS BEIÇOS. SE ADOÇA TODA.

LILI - Escute, seu Hans, eu vou perguntar uma coisa ao senhor: Já que o senhor vai abrir conta pra mim e eu vou ficar devendo o telefone... será que o senhor não me fia umas salchichas para eu tomar o meu café da noite? Tão boa salchichas com café; não é mesmo?

LILI FICA TODA DERRETIDA PARA HANS QUE LOGO SE APROXIMA.

HANS - Salchichas? A senhora quer tomar café com salchichas? Está bem eu fio.

PASSA A MÃO NUMA PENCA QUE ESTÁ PENDURADA.

HANS - Chega, assim?

LILI - Beta mais um pouco. Já que vai fiar, não é? (PARA A CÂMERA, MEIO TOM) Assim já fica pra almoço amanhã. E total... tanto faz ficar devendo seis kile como um kile. Pra quem não vai pagar é a mesma coisa.

HANS ESTÁ EMBRULHANDO AS SALCHICHAS E ENTREGA PARA LILI.

HANS - São quarenta e dois cruzeiros de salchichas. Pode tomar nota, Gretel. Quarenta e dois cruzeiros.

GRETTEL - Quarenta e dois cruzeiros uma senhora. Quarenta e sete. Tem cinco cruzeiros de telefone.

HANS FAZ UM GOSTO COM A MÃO

HANS - Oh.

GRETTEL - Oh, não. Que eu não vou perder. Tinha graça.

LILI - Deixa ela tomar nota. Ela quer tomar o trabalho é dela. De todo o jeito...

GRETEL ESTÁ ESCRIVENDO NUM CADERNO GROSSO
LILI RECEBE AS SALCHICHAS E SAI TODA AMA
VEL COM HANS.

LILI - Muito obrigadinha, seu Hans. O senhor
é um amor. Quando eu receber o meu sofá casa
eu vou convidar o senhor para ir lá em casa
ver e tomar um cafésinho com salchichas.

HANS FICA TODO ASSANHADO E LILI SAI PELA
CÂMERA, LIGEIRA. GRETEL LEVANTA E VEM À
FRENTE.

GRETEL - Vai convidar coisa nenhuma. peres-
ria.. Vai convidar pois Deus é grande.

OLHA PARA HANS QUE ESTÁ SORRINDO BABADO NA
DIREÇÃO EM QUE LILI SAIU E GRITA COM ELE.
ELE LEVA UM SUSTO E MUDA AUTOMATICAMENTE.

GRETEL - E você, seu bebe alegre, já fica
avisado que não tem que aceitar convite pa-
ra tomar café em casa de ninguém, está su-
vindo? Café é aqui em casa mesmo na sua tije-
la laseada.

APROXIMAÇÃO até P. P. de HANS, com
cara de quem está concordando por
acostade.

PUBLICIDADE

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL RAPIDA

PUBLICIDADE.

ABERTURA em P.G. de QUARTO DE LILI,
onde ela está recebendo o sofá casa,
levado por dois carregadores de maca-
ção de mecânico ou calça de bria co-
ranga e mangas de camisa.

JÁ NÃO ESTÁ MAIS A CAMA DE FERRO NO LUGAR QUE
ESTAVA ANTES E OS HOMENS COLOCAM O SOFÁ NA MES-
MA POSIÇÃO.

LILI - É aqui mesmo. Ficou ótimo...Agora,
depois eu vou comprar um reupeire moderno,
um toilette, uma peltreninha...vai ficar
e fine de quarto.

LILI SE ATIRA EM CIMA DO SOFÁ, SACUDINDO-SE,
FELIZ E CONTENTE E APALPANDO O ASSENTO COM A
MÃO, ENCANTADA. ALEGRE E FELIZ.

LILI - Ih, que gesteira...Agora sim, Até que enfim eu vou deixar de dormir como biche.

OS DOIS CARREGADORES ESTÃO PARADOS ESPERANDO O PAGAMENTO DO CARRETO MAIS LILI NÃO SE DÁ CONTA

LILI - Coisa enxada a gente dormir mal; não é mesmo? Acorda com o cerpe aí... cansado... Mas os senhores estão de pé, por que? Não querem sentar?

LILI APONTA OS LUGARES DE UM E OUTRO LADO DO SOPÁ.

LILI - Podem sentar, não façam cerimônia.

1º CARREGADOR - Não senhora, muito obrigado. Nós não podemos demorar. Temos que voltar pra firma. É ordem de chefe. Deixar o sofá aqui e pirar.

LILI - Ah, pois é, que pens. Sinão vocês sentavam, não é? Também...assim que vocês saírem, eu já vou me deitar, só pra ter a gente de ficar mais tempo nesta maravilha.

2º CARREGADOR - Fala lége, tohê, sinão nós não saímos daqui.

LILI - Fala o que? Vocês têm alguma coisa pra falar? Podem ir falando, não se acanhem.

1º CARREGADOR - Bem...é...é o carrete, não é? O chefe disse que era pra receber aqui.

ÁUDIO - ACORDE DE SUSTO.

LILI - O carrete? Que carrete?

2º CARREGADOR - O carrete do sofá, lá da firma até aqui.

LILI - (MUITO DESAPONTADA MAS DISSIMULANDO)

Ah, pois é...o carrete, não é?...Lá da firma não é? Até aqui...

1º CARREGADOR - É, sim senhora.

LILI - Pois é... (TAPEANDO) Mas sentem. Vocês não querem sentar? Também é bobagem do chefe querer que vocês cheguem aqui, entreguem o sofá e saiam logo correndo. Não há necessidade. Que mal tem que vocês sentem um becadinho para conversar? É bobagem dele. Por acaso só ele quem é gente? Nada disto.

LILI (CONT.) - Vocês agora vão sentar e vão conversar e tempo que vocês quiserem. Podem fazer, porque eu me responsabilizo. Vocês depois digam a ele que eu obriguei vocês a sentarem e vocês não puderam dizer nada.

1º CARREGADOR - Não dena, não dá. É melheer a senhora pagar logo o carrete que nós queremos ir embora.

LILI - O carrete?..Que carrete?...

2º CARREGADOR - Oh dena, será possível?... O carrete do sofá lá da firma até aqui.

LILI - Ah, é verdade...O carrete do sofá, não é?...Lá da firma até aqui...(TOM) É muito longe daqui, a firma? Deve ser, não é? Não sei onde é nunca fui lá. Mas vocês não querem mesmo sentar? Sentem num becadinho.

1º CARREGADOR - Dena, não enche com esse negócio de sentar e paga uma vez o carrete que nós queremos dá e tira.

LILI - Ah, eu tenho que pagar, não é?

2º CARREGADOR - Tem que pagar sim e pague de uma vez que nós queremos ir embora.

LILI - Olha aqui; eu vou dizer umas coisas pra vocês: eu estou sem dinheiro em casa. Eu me esqueci de ir ao Banco sabe? Mas eu vou dar uma chegadinho ali na fiabreria e vou ver se o meu Hans me adianta algum dinheire até amanhã que aí eu pago a vocês hoje e amanhã pago a ele. Esperem um mesectinho que eu já volto.

LILI SAI CORRENDO PELA CÂMERA E OS DOIS SE SENTAM
DESANIMADOS NO SOFÁ, OLHANDO UM PARA A
CARA DO OUTRO.

1º CARREGADOR - Você já viu que azar?...E agora ainda vamos ter que esperar que ela volte.

2º CARREGADOR - É shuliar que o tal cara da fiabreria empreste o dinheiro pra ela, porque simão...nós é que ainda vamos pagar este carrete.

APROXIMAÇÃO até G.P. de 2º CARREGADOR.

ÁUDIO - PASAGEM

RÁPIDA.

PUSÃO com: G.P. de HANS, atrás de
baleão, falando com LILI.

- FIAMBERRIA -

AFASTAMENTO até P.s. dos DOIS

HANS - A senhora queria que eu lhe empresta-
sse dinheiro para pagar o carrete de se-
rá?

LILI - É só até amanhã, sabe seu Hans? É
que eu me esqueci de tirar do banco hoje,
mas amanhã eu já tire e lhe pago.

ENTRA GRETTEL EM CENA, VINDO POR TRÁS DE HANS.

GRETTEL - É em que banco é que a senhora tem
o seu dinheiro depositado? Naquele da praça
onde a senhora senta quasi todos os dias.

LILI - Pronto. Ela não podia deixar de vir
se meter na conversa. Eu estou tratando de
negócios com o seu Hans, não é nada com a
senhora. Vá pra lá, vá.

GRETTEL - Não senhora, não vou. Não vou per-
que os negócios do meu marido são meus tam-
bem, está ouvindo? Nós somos sócios. Entra-
mos com igual capital e trabalhamos parecido.
A senhora até agora ainda não pagou o que le-
vou e ainda quer dinheiro emprestado? Não
mesmo. Rua daqui, vamos. Rua daqui que eu
já estou ficando enfezada.

LILI - Rua nada. Pensa que eu me assuste de
carreta? Que é que há?

LILI COMEÇA A PULAR NA FRENTE DELA COMO SE
FOSSSE UM MALANDRO JOGANDO CAPOKIRA.

LILI - Vem aqui pra frente do baleão e diz
pra que lado tu quer café, cara de pimentão
cozido.

GRETTEL - Como foi que ela disse?... Cara de
pimentão cozido, eu?... O desgraçado. Espera
aí que tu já vais ver.

GRETTEL COMEÇA A PASSAR A MÃO EM TUDO QUE É FIAMBRE QUE
ESTÁ EM CIMA DO BALCÃO E JOGA EM DIREÇÃO DE LILI QUE
RECUA E FICA FORA DE QUADRO, ATIÇANDO.

LILI - Isso. Isso. Atira mais, que quero ver. Si tu é valente, nesse, atira essa galinha que está aí.

LILI VAI DIZENDO AS COISAS QUE QUER E GRETTEL VAI ATIRANDO, FURIOSA. AO FIM PICA ARQUEJANTE. CANSADA

HANS - Oh Gretel, Gretel, Que barbaridade. Você arranjeu alguma coisa com isto?

CORTE

P.P. de GRETTEL

GRETTEL - Arranjei. Derramei toda a raiva que eu tinha contra essa birigaita. Agora ela não vem mais aqui.

APROXIMAÇÃO até G.P. de GRETTEL, zingando Lili em alemão.

AUDIO - PASSAGEM RAPIDA

FUSÃO com P.A. dos DOIS CARREGADORES levantando-se af avistar LILI que vem pela câmera, cheia de linguiça, salchichas, galinha, porco, e etc.

LILI ENTRA NO MEIO DOS DOIS, DE COSTAS

LILI - Não arruacei dinheiro, mas arruacei tudo de isto pra vocês.

COMEÇA A DIVIDIR COM OS DOIS CARREGADORES TUDO QUE TROUXE.

LILI - Você leva isto... você leva isto.... Você isto.... você isto... isto aqui para um feijãozinho é uma barbaça... e feijão fica suculento. E um frango assado deixa lá que é coisa gostosa, não é mesmo. Pronto, então vá, agora. Tchau.

OS CARREGADORES OLHAM UM PARA O OUTRO E VÃO RIANDO ELA OLHA PARA AS MÃOS E SE DÁ CONTA QUE FICOU SEM NADA. UMA ENFIADA DE SALCHICHAS ESTÁ COM A PONTA CAINDO. ELA VAI E SEGURAR UMA, PUXANDO TODAS AS OUTRAS. ELE NÃO PERCEBE. ATIRA RAPIDAMENTE AS SALCHICHAS PARA O SOFÁ E ANTES QUE O OUTRO BIXO SAIA BATE NO OMBRO DELA. ELE VIRA POR UM LADO PARA ATENDE-LA, E LILI RAPIDAMENTE, PELO OUTRO, SUSPENDE O FRANGO, ESCONDEDO RAPIDAMENTE NAS COSTAS. QUANDO ELE OLHOU DIZ A ELE COM O MELHOR SORRISO NOS LÁBIOS.

LILI - Tchau.

CARREGADOR - Tchau.

MAL ELLES SAEM ELA FECHA A PORTA E RESPIRA
FUNDO, CANSADA.

CORTE

P.P. DE LILI

LILI - Papagueio... Come dá trabalhe
ganhar um sefô como ea serteis. Nunca pensei.

G/REGRA - BATIDAS NA PORTA.

LILI LEVA UM SUSTO E FICA PENSANDO.

G/REGRA - NOVAS BATIDAS.

LILI - Agera não posso atender que eu já
deitei e esteu até dormindo. Volta amanhã.

APROXIMAÇÃO até G.P. de LILI, encostada
na porta, roncando alto como se estivesse
dormindo

ÁUDIO - SUIFIRE MUSICAL.

FIMPI FIMPI FIMPI FIMPI FIMPI FIMPI FIMPI FIMPI FIMPI FIMPI FIMPI FIMPI FIMPI FIMPI FIMPI FIMPI FIMPI FIMPI FIMPI

HISTORIA E REALIZAÇÃO DE BRICO CRAMER

- P E R S O N A G E N S -

NARRADOR.
LILI.
FOTÓGRAFO.
SENHORA.
MOÇA.

- C E N Á R I O S -

- 1º)- O MESMO JARDIM DE SEMPRE COM BANCO DE MÁRMORE
E DUAS COLUNAS COM TREPadeiras.
- 2º)- O QUARTO DE LILI, O MESMO QUARTO DA OUTRA VEZ,
COM O MESMO SOFÁ CAMA QUE ELA GANHOU NO PROGRAMA ANTERIOR.

DATA DA APRESENTAÇÃO...24.5. 1961.

TV PIRATENÍ = CANAL 5

LILI BIRUTA

HISTÓRIA E REALIZAÇÃO

DE ÉRICO CRAMER

.....
BLIDES: (OS DE COSTUMES)

ÁUDIO- PREFIXO MUSICAL

ABERTURA em P.P. de LILI, comendo
uma papafurinha e lambendo os "bei-
ços".

LILI- Uma gostosura esta rapadurinha!...

NARRADOR- Está gostoso mesmo, Lili?

LILI OLHA PARA A CÂMERA, SORRI E DÁ UM ADEUS.

LILI- Olá! Gostosíssima. Quer provar um
pedacinho?

NARRADOR- Não, Lili, obrigado. Eu sou de pou-
ca estatura não posso engordar demais. E o
assucar engorda muito.

LILI-(acordando) Engorda, não é? Pois é, eu
sei que engorda, mas eu não tenho forças
para deixar. Sou mesmo que formiga.

NARRADOR- Mas escute, Lili, será que deram
algum taboleiro de rapadurinhas para você
cuidar?

LILI- Não. Por que ?

NARRADOR- Você está comendo rapadurinha, eu
pensei não é? Você não se lembra do taboleiro
de maçãs que deixaram para você reparar e
você comeu cinco?

LILI-(rindo) Lembro, sim; Foi gostoso, não foi!
(TOM) Não, mas a rapadurinha não é nada disso
A rapadurinha eu comerei. Eu passei...

LILI OLHA PARA A CÂMERA. LEVA UM SUSTO TREMENDO
E ESCONDE, RÁPIDAMENTE, A RAPADURINHA NAS COSTAS.
ENTRA UMA MOÇA VESTIDA DE AVENTALÃO E TOUCA BRAN-
CA. ELA VEM FURIOSA E INVESTE PARA LILI.

MOGA- Muito bonito, não é? Muito bonito!

LILI- Bonito o que?! A senhora está louca?

MOGA- Não estou louca, não, Estou até muito certa. Eu estava sentada lá naquele banco, com aquelas duas crianças que estão lá brincando quando a senhora chegou e começou a conversar com a menina. Conversei daqui, conversei dali... que engraçadinha...que bonitinha...que isso...que aquilo...quando eu vi a senhora tinha desaparecido e a rapadurinha da criança também.

LILI LEVANTA MOSTRANDO-SE SÉRIAMENTE OFENDIDA.

LILI- É a senhora quer dizer, por acaso, que fui eu que tirei a rapadura da menininha?

MOGA- Ah e não foi? É o que é isso que a senhora está escondendo aí nas costas?

É LILI- Estou escondendo, não, sabe? Eu não estou escondendo coisa nenhuma. Estou botando as minhas mãos nas costas porque quero, esse é boa! As mãos são mãos, as costas também, se eu quiser botar as mãos atrás das costas eu boto, se eu quiser botar as costas atrás das mãos eu também boto e ninguém tem nada que ver com isso, está entendendo? A senhora não bote o que é seu aonde a senhora quer? Alguem lhe pergunta por que? Não pergunta, não é? Pois então a senhora também não tem nada que saber.

MOGA- Mas tenho que saber que eu trouxe a rapadurinha para a criança comer e a senhora teve o descaramento de passar a mão e surrupiar o lanch da inocente.

LILI-Não surrupiei coisa nenhuma, sabe?

MOGA- Ah, não? Essa rapadurinha que a senhora estava comendo não é a mesma que agora mesmo desapareceu de lá?

FOTÓGRAFO- Está aqui? Bem... esta aqui é a minha mulher. É a minha mulher...

LILI- É a mesma, sim. Por que?

MOÇA- Porque a senhora é uma grande gata e ora isto que eu queria lhe dizer, pronto.

A MOÇA SAI FURIOSA PELA CÂMERA.

LILI- Gata é a comadre da sua madrinha, ouviu desforada? (para a câmera) Ora não querem ver o desforo desse atrevida?

Dizer que eu tirei a rapadurinha da menina e ainda por cima de chamar de gata.

NARRADOR- Mas Lili, fale a verdade...

Você não tirou mesmo?

LILI- Não tirei. Eu tenho culpa que a menininha jogasse fora? Não tenho. O cachorro ia comer, eu devia ter deixado. Ai eu queria ver ela xingar o cachorro de gato. Malcriada. É porque eu estava com amão melada, então eu tinha dado um solapo na cara dela que ela nunca mais ia chamar ninguém de gato.

ENTRA PELA CÂMERA UM FOTÓGRAFO COM MÁQUINA DE TRIPÊ.

É UM TIPO EXQUISITO CHEIO DE CORRIDINHAS E TREZEITOS.

FOTÓGRAFO- Bom dia, senhorita... bom dia, bom dia...

LILI- (zangada e de má vontade) Bom dia.

FOTÓGRAFO- A senhorita... quer tirar um retrato?... Sim, um retrato, um retrato.

LILI SÓ AGORA SE APENDESE QUE É UM REPRATISTA

E JÁ SE ALVOROTA TODA PARA TIRAR RETRATO.

LILI- Um retrato? Ah, quero sim. Eu gosto de tirar retratos que num sei...

FOTÓGRAFO- E a senhorita vai ver que fotografies monumentais eu tiro! Que fotografias! Que fotografias!...

LILI-(olhando-se) É pena que eu vim com este vestido tão mixuruco. Eu gostaria de tirar assim com umas pernas bem bonitas...uma flor na cabeça...um passarinho...(tom) O senhor já imaginou que bonito ia ficar um passarinho assim pousado nas flores? Uma gracinha, não é mesmo?

FOTÓGRAFO- A senhorita não precisa de nada disso para tirar uma fotografia bonita.

LILI- O senhor acha?

FOTÓGRAFO- Até claro! Até claro!...

É uma moça bonita e graciosa...

LILI- Obrigadanka...

FOTÓGRAFO- (continuando)...e além de tudo, está na sua frente o maior fotógrafo do mundo...O maior fotógrafo...o maior fotógrafo!... Veja...Veja o meu acervo de fotografias, Veja, veja...

ELA PIRA COM A MÃO, PARA LONGE UM PAPEL COLADO, TODO COBRADO EM CAIXA, COM VÁRIAS FOTOGRAFIAS COLADAS.

LILI- Que coisa! Olha só a tripa de retrato que ele tem!...

FOTÓGRAFO- Veja, veja...Olhe só que colosso de fotografias!...Que efeitos de luz que efeitos!...Que efeitos!...

LILI- Credo!...Que mulher feia!...Que mulher horrível!...Como é que uma mulher com essa cara ainda tem coragem de tirar uma fotografia!...O senhor não teve medo de estrogar a lente da sua máquina, obrigando-a a olhar para essa cara de porongo amassado? Nunca vi uma mulher tão feia na minha vida! Nunca vi, juro!

FOTÓGRAFO- Este aqui, Não é? Este aqui...Eu também acho...eu também acho...

LILI- Não, não é este aqui que eu estou falando, não. É essa outra.

LILI LEVA UM BRUTO CHOQUE, DESAPONTA E DISFARÇA?
SORRINDO SEM GRAÇA.

AUDIO- ACORDE AO TERMINAR A FALA DO FOTOGRAFO
E JUNTO COM O SUSTO DE LILI.

LILI- Ah, ela...ela...é a sua mulher, não é?
Pois é ...

LILI VOLTA A OLHAR A FOTOGRAFIA E COMEÇA A ANALISÁ-LA.

LILI -É a sua mulher...Massabe que ela tem uns
olhos bonitos? Pois é. Os olhos dela são boni-
tinhos. E o nariz também. O nariz não é feio.
Ele só precisava ser um pouquinho menor...a
metade já dava...E a boca também...Se ela
tivesse os dentes ...até que o sorriso dela
era um sorriso bem bonito...

FOTOGRAFO- A senhora acha? A senhora acha?

LILI- Olhe, eu vou lhe dizer mais a feiúra
dela é tão disfarçada...mas tão disfarçada...
que quasi nem se nota. Só reparando muito
é que a gente vê.(TOM) Bem mas então vamos
tratar do meu retrato.

LILI FAZ UMAS TRES OU QUATRO POSES DAS MAIS ESTA
PAPÚRDIAS, SEMPRE PERGUNHANDO A OPINIÃO DO FOTOGRA
FO QUE NÃO CHEGA A RESPONDER E ELA JÁ TROCOU.

LILI- O senhor acha que esta pose está boa?
(muda) Ou esta aqui?(muda) Ou quem sabe está
fice melhor? (muda) Sabe como é que eu gostar-
ia de tirar ? Assim. (muda) Ou então assim:
(muda) Assim também eu gostaria. Qual é que o
senhor acha melhor?

FOTOGRAFO- Venha aqui.

O FOTOGRAFO FAZ LILI PASSAR PARA TRAZ DO BANCO
E COLOCA-A SENTADA NO CHÃO COM OS COTOVELOS APDIA-
DOS NO BANCO E O ROSTO NAS COSTAS DAS MÃOS.

FOTOGRAFO- Sente-se aqui. Agora apoie os braços aqui. Coloque o rosto nas mãos. Assim. Esta é a posição mais artística. Vai ver que ficará uma fotografia linda.

O FOTOGRAFO REGUA E PEGA A MÁQUINA. QUER ASSERTA-LA EM LILI MAS NÃO CONSEGUE MAIXAR A MÁQUINA.

FOTOGRAFO- Pica baixo. A máquina não apanha. Se nós pudéssemos levantar o banco... se pudéssemos...

LILI- Não dá. O banco é enterrado....

FOTOGRAFO- Ah já sei. Encontrei a solução... encontrei a solução....

FOTOGRAFO DEITA A MÁQUINA DE LADO E TIRA.

FOTOGRAFO- Pronto, pronto...pode levantar... pode levantar....

LILI- Escute moço, não há perigo de eu sair assim? (reclina toda para um lado)

FOTOGRAFO- Não senhora, não senhora...Esteja descansada...esteja descansada...Eu agora vou revelar a fotografia e dentro de vinte minutos a senhora vai ver só que maravilha! Que maravilha!...

LILI COMEÇA A OLHAR AS FOTOGRAFIAS QUE ESTÃO NA MÁQUINA E EXTRANHA.

LILI- Ué, moço, por que estas fotografias aqui estão de pernas para o ar?

FOTOGRAFO- Por que não pagaram. Aqueles que me pregam calotes, ficam depois, para o resto da vida, de pernas para o ar, aqui na máquina, para que todo o mundo saiba que eles são caloteiros.

LILI FAZ O GESTO DE QUES RECHEU UMA PEDRADA E SE ENCOLHE TODA.

AUDIO- ACORDE DE SUSTO TREMENDO.

LILI- Ah, as fotografias que o senhor tira... a gente tem que pagar...

FOTÓGRAFO- Mas naturalmente. Pois si eu vivo disse. Essa é boa...essa é muito boa!

LILI- Pois então o senhor deixa, sabe? Eu não quero mais a minha.

FOTÓGRAFO- Mas agora não dá...agora não dá.. Já inutilizei a chapa e a senhora terá que pagá-la.

LILI- E quanto é que o senhor tira as fotografias?

FOTÓGRAFO- Tres fotos...de tamanho postal... cents e vinte cruzeiros pelas três.

LILI- Cento e vinte cruzeiros? Menos não dá pra fazer?

FOTÓGRAFO- Não senhora. Menos não é possível...

LILI ABRE A BOLSA, TIRA UM BÁPIS E UM PAPEL E ESCRIBE:
ALGUMAS COISAS.

LILI- Bom, então vamos fazer uma coisa aqui está o meu endereço. Depois de amanhã o senhor passa lá em casa, leva as fotografias, que eu arranjo o dinheiro pra pagar.

FOTÓGRAFO- Está bem, está bem...eu passo lá então...eu passo lá....

FOTÓGRAFO SAI PELA CÂMERA, FALANDO MUITO.

FOTÓGRAFO- Asenhora vai ver que fotografia! ...Que fotografias!...Eu sou o melhor fotografo de mundo!...O melhor fotógrafo do mundo

LILI- Ora já se viu o que hávia de me acontecer? E agora eu tenho que arranjar o dinheiro, porque Deus me livre todo o mundo olhar o meu retrato de pernas para o ar!

ENTRA UMA SENHORA GORDA, DE SOMBRINHA E CHAPÉO
CANSADA DE TANTO CAMINHAR.

SENHORA- Com licença, moçaz

LILI- Pois não. Pode sentar.

SENHORA- Eu estou tão cansada que nem sei.
Estou andando desde cedo.

LILI- Procurando emprego?

SENHORA- não, Procurando casa.

LILI- Ah, a senhora vai se mudar?

SENHORA- Tenho que me mudar. Pois imagine que eu moro numa casa muito boa, de preço muito razoável, tres quartos ótimos, banheiro ótimo, tudo ótimo...mas tem um ninho de marimbondos no canto do teto da sala de jantar; ninguém se anima a botar fogo porque tem medo de queimar a casa e volta e meia aparece um da família mordido de marimbondo. A senhora sabe, aquilo dói que é uma herbaridade, ninguém quer ficar mais lá.

LILI- E a senhora ainda não experimentou rezar a oração de espantar marimbondo? Aquilo é ótimo. Reza tres dias na hora do meio dia, não fica um marimbondo dentro de casa. A senhora trepa numa cadeira, dá uma vassourada no ninho, ele cai vazio, vazio...

SENHORA- Éx mesmo?! Mas que bom!...E a senhora me ensina a rezar a oração?

LILI TEM UMA IDEIA E OS SEUS OLHOS BRILHAM NA
MESMA HORA, VAI TIRAR DINHEIRO PARA PAGAR OS RETRATOS,

LILI - Bom...quer dizer...eu posso ensinar... ou melhor, eu posso rezar a oração para a senhora, que é muito mais garantido, mas a senhora terá que me pagar cento e cinquenta cruzeiros.

SENHORA- Ah, pago. Paga agora mesmo. Mas a senhora se garante que no terceiro dia eles foram todos embora?

LILI- Garanto, como não? No terceiro dia, depois que tenha batido meio dia no relógio da igreja, a senhora pode trepar numa cadei-

LILI-(CONT.) ra e meter vassouradas no ninho
que ele cai vasio, vasio.

A SENHORA QUE ESTAVA TIRANDO O DINHEIRO
DA BOLSA, ENTREGA-O A LILI, RADIANTE DA VEDA.

SENHORA- Pois então está aqui o dinheiro.
A senhora reze que depois eu virei aqui para
lhe agradecer.

LILI PEGA O DINHEIRO E METE LOGO NA BOLSA. A
SENHORA SE LEVANTA E SAI TODA ENTUSIASMADA.

SENHORA- Então passe bem. E não vá esquecer,
hein? Eu vou aguardar o terceiro dia.

LILI- (alto, para a câmara) Depois que o reló-
gio da igreja tenha batido as doze badaladas
do meio dia, não esqueça. Antes, não.

LILI FAZ UMA PAUSA. E SORRI DEPOIS DE RESPIRAR.

LILI- Graças a Deus que arrumei dinheiro para
pagar os retratos. Deus me livre andar por aí
aí de pernas para o ar!

APROXIMAÇÃO até G.P. de LILI

AUDIO- PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com G.P. de ANUNCIADORA.

PROPAGANDA COMERCIAL.

Ao terminar...

AUDIO- PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com G.P. de LILI, no seu quarto
sentada no sofá cama, olhando as foto-
grafias,

AFASTAMENTO até enquadrar o fotógrafo
sentado perto dela.

LILI- Estão muito bonitas. Cento e vinte
cruzeiros, não é?

FOTÓGRAFO- Sim senhora...sim senhora...

LILI ABRE A BOLSA, RETIRA O DINHEIRO E PAGA
OS CENTO E VINTE CRUZEIROS AO FOTÓGRAFO.
ELE SE LEVANTA PARA SAIR E ELA FAZ O MESMO.
ELE FICA COM O DINHEIRO NA MÃO.

LILI- Aqui estão. O senhor me desculpe de eu
não ter pago antes, mas eu não tinha ido ao

LILI-(CONT.) Banco de manhã, de formas que não naquele momento eu estava sem dinheiro e não me lembrava. Foi por isso que obriguei o senhor a vir hoje aqui.

FOTÓGRAFO- Não tem importância... não tem importância... está tudo bem... está tudo certo... o principal é que a senhora goste das fotografias...

LILI- As estão ótimas ! Estão excelentes. Pena que o senhor não possa fazer uma diferença no preço, mas o senhor não pode, não é?

FOTÓGRAFO- Não posso, não senhora, não posso. Se pudesse eu fazia... Se pudesse eu fazia...
Creia...Creia...

NESTE MOMENTO VAI BOTAR O DINHEIRO NO BOLSO E DEIXA CAIR A NOTA DE VINTE CRUZEIROS. NÃO SE APERCEBE E LILI, MUITO LIGEIRO, BOTA O PÉ EM CIMA, DISPARANDO.

LILI- Está bom, não faz mal. Também... mais vinte cruzeiros ou menos vinte cruzeiro... tanto faz.

FOTÓGRAFO- Mas a senhora olhando bem as fotografias, verá que elas não são caras.

ELE CAMINHA PARA A LUZ DE UM ABAT-JOUR OU DE UMA JANELA E CHAMA LILI.

FOTÓGRAFO- A senhora chegue aqui e olhe bem na luz para ver a maravilha do trabalho.

LILI- Eu... eu já vi.

FOTÓGRAFO- Mas chegue aqui, Faça o favor. Eu faço questão que a senhora veja outra vez.

LILI- Pois é, mas eu... eu não posso sair daqui agora...

FOTÓGRAFO- Por que ?

LILI- Estou com câimbra na perna.

O FOTÓGRAFO VEM PARA PERTO DE LILI, PRETENDE AJUDÁ-LA. ELA SE APPAVORA.

FOTÓGRAFO- Eu ajudo a senhora. Venha. Vá, vá!

LILI-Não, não, por favor! Não me tire daqui agora! Quando eu tenho estas câimbras eu tenho que ficar uns cinco minutos parada, até até que passe tudo e eu possa me movimentar livremente.

FOTÓGRAFO- Ah, bem, então neste caso eu vou ficar aqui para acompanhar a senhora. A senhora pode ter necessidade de alguma coisa...

LILI- Não senho, que esperança! O senhor pode ir. Eu não vou ter necessidade de nada. Eu já estou muito acostumada a ter dessas câimbras. É no braço...na perna...no pescoço...no nariz...

FOTÓGRAFO- No nariz também?!

LILI- Também. Ah não pense que o nariz espapa não. Ele também entra na dança. (Pausa) Pois é o senhor pode ir, não se constranja. Olhe, garanto que quando o senhor tiver saído a minha porta a câimbra terá passado. Quer ver? Faça a experiência.

FOTÓGRAFO- Pois então é mais um motivo para eu esperar que passe e depois sair.

LILI- Ah bom, mas acontece que outras vezes demora que nem sei! Uma vez já fiquei duas horas parada aqui nesta posição. Pode acontecer de demorar assim e o senhor vai ficar aí perdendo o seu tempo. Por isso que o senhor não deve ficar.

FOTÓGRAFO- Não senhora, absolutamente. Eu faço questão de ficar. Faço questão de ficar.

LILI FICA ENFEZADA E SEM SABER O QUE FAZER.

DE REPENTE ELA TEM UMA IDEIA.

LILI- Olhe aqui, moço, eu vou lhe dizer uma coisa com toda a franqueza. Eu não gostaria que o senhor ficasse aqui por que? Daqui a

LILI-(CONT.) pouco o meu noivo vai chegar e ele é muito ciumento, sabe? Ele vai ficar muito zangado de encontrar o senhor aqui.

FOTÓGRAFO- Mas eu explico a ele o que aconteceu e ele não terá razões, não terá razões..

LILI- Ele não vai aceitar o que o senhor disser e vai tomar com desculpa. Não, não, por favor! O senhor vai me fazer o obséquio de sair imediatamente porque senão o senhor vai acabar complicando a minha vida.

FOTÓGRAFO- Ah, bem, se é assim.

LILI- Si eu estou lhe dizendo que é assim é porque eu conheço o meu marido.

FOTÓGRAFO- Seu marido?!:::

LILI FAZ UMA SARETÁ E UM GESTO DE QUEM FOI PEGUA COM A BOCA NA BOTIJA E CUSTA UM POUCO PARA SE REFAZER.

LILI- Bem...quer dizer...meu marido propriamente não é...meu...meu futuro marido... foi isto que eu quis dizer, entende? Meu futuro marido.

FOTÓGRAFO- Ah bem. A senhora tinha me dito noivo...agora falou em marido...eu fiquei confuso.

LILI- É, realmente, eu..eu fiz confusão mesmo. O senhor teve razão. Mas agora já está tudo claro, não está?

FOTÓGRAFO- Está, sim senhora...está tudo claro...tudo claro...

LILI ESTENDE ACINTOSAMENTE A MÃO PARA O FOTÓGRAFO,

LILI- Bem, então passe bem...muito obrigado...e até qualquer dia...

FOTÓGRAFO- Até qualquer dia, senhora e desculpe que eu não pude fazer a diferença que a senhora pediu, sim?

LILI- Ah, não tem importância. Veio a dar no mesmo.

O FOTÓGRAFO SAI E DEPOIS QUE E ELA VERIFICA BEM QUE ELE FOI EMBORA, SAI DO LUGAR E AGARRA A NOTA DE VINTE ,OLHA BEM E PALA.

LILI- Pena que não foi a de cem! Bom , mas não faz mal. "e qualquer maneira os retratos ficaram por cem cruzeiros. Ele não quiz fazer a diferença mas o meu santo fez.

APROXIMAÇÃO até G.P. de LILI

AULIO- PASSAGEM MUSICAL.RÁPIDA.

ESCURCIMENTO.

ABERTURA em P.G. do PARQUE com o banco

vesio. Momentos depois entra Lili

e senta.

NARRADOR- E então, Lili? Como é que vamos?

LILI- Bom, felizmente.

NARRADOR- E então? Alguma novidade?

LILI- Não. Vão descansar um pouco. Eu gosto de estar aqui.

ENTRA A SENHORA DA REZA,COMPLETAMENTE PICADA DE MARIMBONDOS, O ROSTO, AS MÃOS, AS PERNAS, TUDO INCHADO POR DEZENAS DE MORDIDAS RECEBIDAS .

SENHORA- Ah, foi muito bom encontrar a senhora aqui. Eu andava mesmo à sua procura. Não está me reconhecendo? Veja bem. Veja bem quem sou eu .

LILI QUE DE PATO MÃO A RECONHECEU, DE REPENTE ATINA QUEM É E FICA PERTURBADA.

LILI- Que horror!...Agora é que eu estou atinando!...Como é que a senhora pôde ficar desse jeito?!....

SENHORA- Como é que eu pude ficar? Já lhe conto. A senhora não me disse que ia rezar três dias para tirar os marimbondos de minhas costas?

LILI- Óhase.

SENHORA- E não disse que ao fim dos tres dias, depois que batessem as doze horas na torre de igreja, que eu podia beijar a vassoura no ninho dos marimbondos?

LILI- Disse.

SENHORA- E a senhora rezou?

LILI - É claro que rezou.

SENHORA- Então como é que se explica que quando eu beijei a vassoura, eles vieram todos em cima de mim?

LILI- Ah, não sei! Decerto o relógio da Igreja esta adiantado e os marimbondos ainda não tinham saído. Eu não tenho culpa, não é minha filha? Vê reclamar do sacristão.

APROXIMAÇÃO ATÉ B.P DE LILI.

AUDIO- SUFIXO MUSICAL.

ENCERRAMENTO.

HRS/9

LILI BIRUTA

HISTÓRIA E REALIZAÇÃO DE ERICO CRAMER

-DISTRIBUIÇÃO-

LILI.....MARLY BUENO
SENHORA.....NORAH FORTES
RAPAZ.....JÚLIO FLÁVIO
AVÔ.....LINDA GAY

CENÁRIOS

- 1a)- UMA PRAÇA DIFERENTE, COM BANCO DIFERENTE,
UMA GRACA E UM GRANDE JARRÃO COM PALMAS.
- 2a)- UMA SALA RICA E ANTIGA, COM MESA PARA CHÁ,
SOFÁ, POLTRONAS, BOLO DE VERDADE, RATINHO
COM SANDWICHS, BOMBONS, AMENDOINS TORRADOS,
AZEITONAS, BISCOITOS, ETC.ETC.

DATA DA APRESENTAÇÃO.....7.6.1961.

TV PIRATINI - CANAL 5

SLIDES: (Os de costumes)

AUDIO- PREFIXO MUSICAL

ABERTURA em G.P. de SENHORA, sentada
num banco de jardim diferentes com uma
cesta de fiambre aos seus pés. Ela, no
momento, está comendo pipocas.

AFASTAMENTO até G.P. de SENHORA

SET DE JARDIM DIFERENTES, COM
GRADE E COLUNA COM GRANDE VASO-

DEPOIS DA SENHORA COMER ALGUMAS PIPOCAS,
LILI PASSA POR ELA E VAI SEGUIR MAS VÊ AS
PIPOCAS, VOLTA E SENTA AO LADO DA SENHORA,
COMEÇANDO A CONVERSAR COM ELA.

LILI- Boa tarde, a senhora dá licença?

SENHORA- Pois não, pode sentar. O banco não
é meu...

LILI OLHA PARA AS PIPOCAS, LOUCA PARA TIRAR
UMA, CHEGANDO MESMO A FAZER BENÇÃO MAS RECUA.

LILI- A senhora está comendo pipocas?

SENHORA- Botou.

LILI- Ih, eu adora pipocas.

SENHORA- Lê tan, ó...na oarrocinha.

LILI- Ah, pois é... (Pausa) São feitas na man-
teiga ou na banha?

SENHORA- Não sei. Só sei que são feitas.

LILI- Mas a senhora não distingue o gosto? A
gente comendo e gente sente. Com licença.

LILI METE A MÃO NUMA PIPOCA E BOTA NA BOCA.

COME COM ESGANAÇÃO, PINGE QUE NÃO ATINOU.

LILI- Que engraçado! Assim, só com uma, não
dá pra gente saber se foram feitas na banha
ou na manteiga.

LILI METE A MÃO NO PACOTE E TIRA MAIS UMAS.

TRES OU QUATRO QUE LOGO COME COM ESGANAÇÃO

LILI- Sabe que está difícil mesmo de saber?
ou é banha muita boa ou é manteiga

LILI-(CONT?) muito ordinária, porque não dá pra se saber com certeza.

LILI TORNA A METER A MÃO NO PACOTE E TIRA LOGO UM PUNHADO. A SENHORA SE DÁ CONTA.

SENHORA- Deixe, menino, eu não faço questão de saber se é na banha ou na manteiga. Pra mim tanto faz, eu como do mesmo jeito.

LILI- Bom, mas...a gente sempre gosta de saber o que está comendo; não é mesmo?

SENHORA- Eu não. Não faço questão nenhuma. Desde que eu coma, e goste...tanto faz que seja feito no cebo ou na graxa.

A SENHORA TERMINOU O PACOTE DE PIPOCAS, AMASSA E BOTA FORA. PEGA A CESTA, DESTAPA E TIRA UM SANDUICH. LILI IMEDIATAMENTE TIRA O OUTRO SEM A MENOR CERIMÔNIA, AO TEMPO QUE FALA.

LILI- A senhora veio fazer pique-nique no parque?

SENHORA- Eu faço seguido. Porque a senhora vê... eu sou sózinha, more num quarto de porão, sem luz e sem ar...quando os dias estão bonitos, eu peço o meu almoço e venho almoçar aqui. É muito mais agradável.

LILI- Ah pois é, é o que eu sempre digo. Eu também não gosto de almoçar sózinha. Sempre procuro outra pessoa pra almoçar comigo. É muito mais agradável a gente comer na companhia de outro, conversando; não é mesmo? A gente até parece que fica com mais apetite...a comida sente melhor. Comer sózinha não se deve, mesmo. A gente deve sempre repartir com outra pessoa. É muito mais agradável, muito mais agradável!...Sem tem comparação!...

LILI SE CURVA E PASSA A MÃO NO BALAIÓ COM A MAIOR DISPLICÊNCIA, ABRE-O E ESCOLHE UM PASTEL. TIRA DOIS, MEDE-OS E PEGA O MAIOR. BOTA O BALAIÓ

NOVAMENTE NO LUGAR E COMEÇA A
COMER O PASTEL E CONVERSAR COM A BOCA
CHEIA. OLHA PARA DENTRO DO PASTEL E AINDA
RECLAMA.

LILI- Essas pastéis estão meio do mixuruco. Não
tem ovo duro nem azeitonas

SENHORA- Não dá mais pra se botar ovo nem azei-
tona nos pastéis. A senhora sabe quanto está
custando um ovo? Dez cruzeiros.

LILI- Ah pois é, mas tem que botar. Pastel sem
ovo e sem azeitona não é pastel. Eu vou comer
pra não lhe fazer desfeita, mas que eles não
estão bons não estão. Eles até parece que fo-
ram feitos em banha velha.

A SENHORA SE ACORDA E RESOLVE REAGIR.

SENHORA- Escuta aqui! Você está comendo o meu
almoço e ainda reclama, é menina? Eu fiz os
pastéis pra você ou pra mim? quem é que lhe
convidou pra se servir de pastéis no meu balaio,
hein? A senhora é muito metida, muito saliente,
sabe disso?

LILI- Não senhora, sou sua amiga. A senhora não
deve comer pastéis porque os pastéis engordam e
a senhora já é gorda que chegue, ouviu?

A SENHORA LEVA UM CHOQUE E PARA DE COMER AUTOMÁ-
TICAMENTE.

SENHORA- A senhora acha que eu sou gorda demais?
Eu não quero ser gorda, eu não quero. Quero ser
cheinha, mas gorda não.

A SENHORA SE LEVANTA E DESFILIA PARA LILI QUE A
OBSERVA ENQUANTO ABRE O BALAIÓ E TIRA MAIS QUALQUER
COISA QUE COMEÇA A COMER.

LILI- Sua não disse que a senhora é gorda demais?
Disse que a senhora é gorda que chegue. É muito
diferente.

SENHORA- Ah bom, eu fico desesperada quando
alguem me diz que eu sou gorda demais. Eu não
quero ser gorda demais, não quero.

LILI TOMA LOGO CORFA DO BALAIÓ,

LILI- Pois então chegou de comer por hoje, ouvia
Eu vou tomar conta do seu regimen, pra senhora
não ficar gorda demais. Isto que está aqui, é.
cebou, tá ouvindo? Não tem mais sandwich, não
tem mais pastel... não tem mais nada, hoje. Só
uma chicare de chá com torradas, logo de noite,
antes de se deitar.

SENHORA- Chá com torradas?

LILI- É .E torradas sem manteiga, hein? Veja lá.
Tambem vou lhe deixar numa linha que quando a
senhora passar na rua todo o mundo vai dizer:
que esbeltes! Que elegância!... Que linha!...

SENHORA-(alvorçada) É mesmo?! A senhora faz?!
A senhora faz?

AFASTAMENTO até P.G. da CENA

LILI- Se eu faço? Mas nem tenha dúvida! Mas tem
uma coisa, hein? Traga sempre o balaió com al-
guma coisa. Ai eu vejo o que a senhora pode
comer e lhe dou e o que a senhora não puder...
eu como...

SENHORA- Está muito bem. Eu trago, sim. Eu tra-
go, eu trago...

ENTRA PELA CÂMERA UM RAPAZ TIPO LAMBERTISTA,
QUE SE DIRIGE PARA LILI MUITO DESEMBARAÇADO.
ELA SE ASSUSTA, NO INÍCIO, E SE RETRAI,

RAPAZ- Olá! Como vai você, bonsoca?

LILI OLHA PARA ELE E RECUA NO BANCO.

RAPAZ- Não está se lembrando de mim? Nós dança-
mos uma noite inteira no baile do Club.

LILI- Dançamos?

A SENHORA COMEÇA A COFUCAR LILI, REPARANDO O
RAPAZ.

RAPAZ- Claro que dançamos. Será que você já se esqueceu disto?

LILI OLHA PARA A SENHORA E FAZ SINAL QUE O RAPAZ É DOIDO.

LILI- Juro-lhe que não estou bem lembrada... quando foi que nós dançamos?

RAPAZ- No Baile do Club do Comercio. Depois, eu fui levar você em casa no seu automóvel e combinamos depois de uma semana, para eu levar você na minha casa e lhe apresentar a minha família e quando fui lhe buscar você havia se mudado e nunca mais a encontrei.

LILI- Interessante... sabe que eu não tenho a menor lembrança?...

SENHORA COTUCA LILI, PUXA-LHE O VESTIDO, FAZ NIL COISAS PARA QUE ELA MODIFIQUE O QUE DIZ, O RAPAZ PERCEBE E OLHA PARA A CARA DA SENHORA.

RAPAZ- Mas espere um momento. Até esta senhora estava junto. A senhora não é tia dela?

LILI VAI DEZER QUE NÃO, CHEGANDO MESMO A ACENAR NEGATIVAMENTE COM A CABEÇA MAS A CUPRA TOMA-LHE A DIANTEIRA.

SENHORA- Sou tia dela, sim senhor, sou.

RAPAZ- A senhora andou passeando de automóvel conosco, não andou?

SENHORA- Exatamente. Por sinal que o senhor ficou de nos levar outras noites para passear e não levou.

RAPAZ- Mas eu estou explicando que fui buscá-las e as senhoras tinham se mudado; eu não tenho culpa.

SENHORA- Bem, isso não importa. Agora o senhor nos encontrou, nós podemos ir passear, não é sobrinha?

FAZ SINAL PARA A LILI QUE LIGA SIM.

LILI- É...podemos.

SENHORA- Ótimo! Eu adoro passear de automóvel que nem sei!...

A SENHORA LOGO SE AGACHA E TOMA CONTA DO BALAIO. QUANDO SE CURVA DÁ UMA COSTADA NO RAPAZ QUE VAI EM CIMA DE LILI E ABRAÇA-A SEM QUERER. GOSTA DO QUE ACONTECEU E FICA ABRAÇADO NELA.

RAPAZ- Você é linda! Sabe que vou levá-la na minha casa para lhe apresentar -é minha avó?

LILI- Quando?! Agora não. Eu não estou nem preparada. Estou muito mal vestida...

SENHORA- Para passear de automóvel?! Não querida você está ótima! O automóvel passa chiçando, quem é que vai saber se você está com este ou aquele vestido?

LILI- Não, não é isto. É para ir na casa da avó dele que eu digo que não estou preparada.

SENHORA- Ah bom, isso sim, isso eu também não estou. Tenha que botar o meu vestido de veludo as minhas jóias, e as minhas peles de visão!

RAPAZ- Bom, vamos fazer o seguinte: agora nós vamos passear e logo de noite a gente combine um lugar aí pra se encontrar e aí vocês botam outro vestido e nós vamos lá na avó. Lá tem que ir mesmo com farpela nova porque a velha é toda cheia das nove horas.

SENHORA- Ah, então é das minhas. Eu não digo que seja cheia de nove horas, mas umas quatro ou cinco horas eu sou.

LILI- Quem é a sua avó? Onde é que ela mora?

RAPAZ- Minha avó é a baronessa Aquena dos Médanos Y Gonzalez e mora num palacete lá na Rua D. Pedro.

SENHORA - Baronesa?!... A sua avó é Baronesa?
Mas Baronesa de verdade?

RAPAZ - Sim, Baronesa de verdade. Porque?

SENHORA - Não... por nada... é porque eu também
sou. Não sobrinha? Dis que é, pro moço ficar
sabendo.

LILI - É "tia!"

RAPAZ - Bem, então vamos dar o nosso passeio que
estamos perdendo tempo.

O RAPAZ PAGA O BRAÇO PELOS OMBROS DE LILI
E SE PREPARA PARA SAIR, A SENHORA VÊ E CORRE-
A SE ENCOSTAR NELE, PEGANDO-LHE O OUTRO BRAÇO
E PASSANDO NA PRÓPRIA CINTURA, CAINHA PARA
A CÂMERA POR ONDE SABEM, ELA TODA RISONHA
LILI ENCANTADA COM O NAMORADO E ESTE MUITO
ADMIRADO DO QUE A SENHORA CABOU DE FAZER.

APROXIMAÇÃO até DEST. do VASÃO

AUDICIONAMENTO - PASSAGEM MUSICAL

VASÃO com G.P. de MARGARIDA - PUBLICIDADE.

No terminar a publicidade, novamente

VASÃO com G.P. de AVÓ, sentada à frente

de uma pequena mesa, servindo chá para

as visitas.

APASTAMENTO até enquadrar RAPAZ E LILI,

agarradinhas no sofá e SENHORA numa outra poltrona

cheia de flores e de fitas, passatinhos

e outras quinquilharias penduradas pelo

pescoço, pelas orelhas, no peito e

etc.etc.

PARADA DE VISITAS DE CASA ANTIGA E NOBRE.

AVÓ - Foi eu que pedi ao meu neto que se trou-
xesse até minha casa porque ele me encontrou no
balle, se mostrou tão entusiasmado pela menina,
que eu tive vontade de conhecê-la, antes que
ele tomasse qualquer resolução precipitada;
entende?

SENHORA SACODE A CABEÇA AFIRMATIVAMENTE.

AVÔ- A senhora sabe como são essas coisas... um rapaz rico... de uma família nobre, como a nossa... tem que escolher muito bem a moça a quem vai dar seu nome. Acho que a senhora está me compreendendo, não está?

SENHORA- Está me ouvindo, sim; Estou ouvindo. A senhora tem medo que ele dê uma mancada, não é?

AVÔ- Ouvindo? Mancada? Agora sou eu que não estou compreendendo.

CORTE.

P.A. de LILI e RAPAZ. LILI CORRE

EM SOCORRO DA SENHORA.

LILI- Titia a senhora se esquece que a dona... a dona... (T) Como é mesmo o seu nome? A senhora desculpe, mas ele me disse assim tão depressa, que eu não ouvi bem.

CORTE.

P.P. de AVÔ

AVÔ- Açucena. Açucena dos Médanos Y Gonzales.

CORTE.

P.A. de LILI

LILI- Pois é, dona Açucena, a senhora não repete as expressões da titia, é que ele passa nos dias inteiros no reformatório dos menores abandonados, que ele é da diretoria, ouve os rapazes usarem essas expressões de giris o dia todo e depois usa sem se aperceber.

CORTE.

P.A. de AÇUCENA

AVÔ- A senhora é da diretoria do Reformatório dos menores abandonados?

CORTE.

P.M. de CENA

SENHORA QUE ESTÁ COMENDO AZEITONAS, NÃO ATINA BEM E SE VIRA PARA LILI.

SENHORA- Não sei. Eu sou disso que ela disse?

LILI- Pois então não é, titia? Pois eu não acabei de dizer? É, sim, é.

SENHORA- Sou

AVÔ- É qual é o cargo que a senhora ocupa na diretoria?

SENHORA- O cargo?... O cargo é... espere aí, deixe-me lembrar... Ah, eu sou gerente.

AVÔ- Gerente? Gerente? Mas existe esse cargo?

SENHORA - Claro que existe, dona Papoula. Se não existisse eu não era, óra bolas.

CORTE

P.A. de LILI e RAPAZ

LILI - Titia, não é dona Papoula que ele se chama, é Cartucho.

RAPAZ - (RÁPIDO) Não, querida, Cartucho coisa nenhuma. Não troca o nome da vóvó que ela fica por conta. O nome dela é Açucena.

LILI - (DESAGEITADA) Ah, pois é... Açucena... Desculpe, sim?... Eu sabia que era uma flor comprida, por isso que eu confundi.

RAPAZ - Mas não faça mais isto, que ela não gosta.

CORTE

P.A. de AVÓ e SENHORA

AVÓ - A senhora gosta muito de azeitonas, não é? Eu já vi.

SENHORA - Ah gosto. Ih eu sou roxa por azeitonas.

SENHORA OLHA PARA LILI QUE LHE FAZ SINAL DE QUE NÃO PEGUE AS AZEITONAS COM O DEIXO. ELA GUSTA UM POUCO A ENTENDER E POR FIM PEGA UM GARDINHO, COMEÇANDO A QUEBRAR FINGAR A AZEITONA. ACABA ATIRANDO A AZEITONA NA DIREÇÃO DA VELHA QUE LEVA A MÃO AO OLHO E EXIBE DEPOIS A AZEITONA NA MÃO. A SENHORA DÁ UMA GARGALHADA.

CORTE

P.P. de SENHORA, rindo.

SENHORA - Coitado. Bem na vigia da velha. Si eu quizesse acertar não acertava. Desculpa dona cecília.

LILI TAMBÉM ACHA GRUÇA E DÁ UMA GARGALHADA. O RAPAZ CORTA-A, ELA OLHA A GARGALHADA DA VELHA E CORTA A RISADA.

CORTE

P.A. de LILI, cecília e RAPAZ

LILI - Titia, pelo amor de Deus. Não troque o nome dela. Não é cecília, é Glicínia.

RAPAZ - Glicínia nada, querida, não é Glicínia é Açucena.

LILI - Ah, desculpe dona Açecena, desculpe (MEIO TOM, AFOBADA) Eu sabia que era uma flor comprida, como é que eu fui confundir com um cacho?

KAPAZ - E a Vóvó não gosta, tenha cuidado.

CORTE

P. A. de AVÓ

AVÓ - Como não gosto, também, dessas agarranetas sí. Acho feio. E acho falta de respeito, na minha frente. No meu tempo não se usava essas intimidades e eu não posso me acostumar. Eu estou fingindo que não vejo mas estou vendo está ouvindo?

CORTE

P. A. de SENHORA E AVÓ

SENHORA - Está sí, viu? Ela não dorme de touca, não.

AVÓ - Como não durmo de touca? Quem é que lhe disse? Durmo de touca, sim senhora. Toda a minha vida dormi com a cabeça coberta. Toda a minha vida.

SENHORA VIRA PRAO LADO E SUSURRA.

SENHORA - Eu não encaixo uma com essa velha. Daqui a pouco eu me queimo e vai ter. Eu já não mandei tudo às lavas porque estou com o olho no boleg que ela ainda não serviu.

CORTE

DET do BOLO, inteiro, na mesa.

SENHORA - Foi a senhora mesma que fez esse bolo?

CORTE

P. A. de AVÓ E SENHORA

AVÓ - Foi.

SENHORA Está com uma prata maravilhosa

HÁ UMA PAUSA, TODOS TOMAM CHÁ E BOLO NADA.

SENHORA - Com quantos ovos a senhora fez esse bolo?

AVÓ - Quatro.

SENHORA - Que beleza. E a massa fica macia?

AVÓ - Fica.

NOVA PAUSA, TODOS SE OLHAM

SENHORA - Sorrisinha, eu acho que esse bolo é de bolo verdade que eu gosto.

CORTE

P.P. de LILI, lambendo os beiços

LILI - É...eu também acho...Pela fisionomia parece, não é?

LILI CUIDA O RAPAZ E A AVÓ E FAZ SINAIS A SENHORA DE QUE O BOLO NÃO VAI SER PARTIDO.

LILI - O meu neto me falou desse bolo...Disse que é uma das especialidades que a senhora sabe fazer....

CORTE

P.A. de AVÓ

AVÓ - Ele não entende dessas coisas. Pra ele, tanto assucar é bom.

CORTE

P.A. de LILI e RAPAZ

LILI - Depois eu quero que a senhora me dê a receita desse bolo que é para eu fazer para o meu amor quando nos casarmos.

LILI FAZ UMA CARICIA NO RAPAZ E A VELHA DÁ UM PIGARRO FORTE. ELA SE ABUSTA E RECUA. A SENHORA SE LEVANTA, DÁ UM GERO ATÉ ONDE ESTÁ LILI E SE GRENDA-LHE BAIXINHO.

SENHORA - Esse não tem jeito, companheira. Esse tá slugado no duro. Ele não parte nem a garcho.

CORTE

P.P. de AVÓ

AVÓ - A senhora já terminou o seu chá?

CORTE

P.A. de SENHORA

SENHORA - Não senhora. Deixei um bocadinho para tomar com o bolo.

CORTE

P.P. de AVÓ

AVÓ - Mas então por que se levantou?

CORTE

P.A. de SENHORA

SENHORA - Porque eu sofro de um repuxões na pernas e não posso ficar muito tempo sentada. Mas eu já vou me sentar outra vez que é pra provar o seu bolo.

SENHORA VOLTA A SENTAR. AVÓ SERVE MAIS CHÁ PARA ELA MAS O BOLO CONTINUA INTACTO.

AFASTAMENTO de esquadrer AVÓ

AVÓ - Sirve-se de um biscoito.

SENHORA - Não, obrigada, eu não gosto de biscoito, eu gosto de bolo.

AVÓ - (XINGE QUE NÃO OUVIU E SE DIRIGE PARA LILI) E você? Aceita mais uma chávena de chá?

LILI - Aceito o que, que ela disse?

RAPAZ - Uma chávena de chá.

SENHORA - Gostado. Eu tenho tomado chá com muitas coi sas na minha vida. com limão, com leite, com mel, com cachaça, mas com cachaça nunca pensei que se pudesse tomar. Eu se fosse você não tomava, sobrinha. Você já pensou a gente se engasgar com uma chave? Não deve ser brincadeira.

CORTE

P.A. de AVÓ se levantando, queimada.

AVÓ - Meu neto, que espécie de gente é essa que você trouxe na minha casa que não sabe nem a significação dos vocábulos de língua vernácula?

RAPAZ - Espere aí, vóvó, que é que ela não sabia, ela não entendeu o que senhora disse.

A SENHORA E LILI SE ENTREOLHAM QUEIMADAS E SE LEVANTAM, INDO PARA A VELHA, CADA UM POR UM LADO EM ATITUDE LENTA MAS D E DISPOSIÇÃO.

SENHORA - Escute aqui, ó dona coisa: que negócio é esse que a senhora disse aí de verículo e de vocábulos. É querendo xingar a gente, é?

AVÓ - Estou querendo saber quem é a senhora e de onde procede. Meu neto disse que era também baronesa. Baronesa de que?

A SENHORA FICA SEM SABER O QUE RESPONDER MAS VIRA LOGO PARA LILI E DESAPERTA.

SENHORA - Diz aí pra ela.

LILI - Minha kinká tia é baroneza... baroneza... como é que é mesmo?

AVÓ - Baroneza coisa nenhuma. Onde já se viu uma baroneza com esse linguajar e essas atitudes?

A SENHORA SE QUEIMA E COMEÇA A DAR-LHE BARRIÇADAS, EMPURRANDO-A PARA TRÁS.

SENHORA - Escute aqui, é cravo de defunto, o que é que tá tem que vê que eu seja baroneza ou não seja, hein?

LILI - (AO RAPAZ) Ih, segura ela, senão ela é capaz de dar na sua avó.

RAPAZ - Agora não adianta nada. Mesmo que eu segura e ela não dê, ela já botou a corrida fora. Agora a vó não vai deixar mais a gente se casar.

AVÓ - A senhora tenha modos. Isso são atitudes de pessoas de classe?

LILI - Vai lá, senão ela desmonta a velha.

O RAPAZ CORRE A SE INTERPOR ENTRE A SENHORA E A AVÓ E ENQUANTO ISTO LILI VAI À MESA, DERRAMA NA BOLSA TODOS OS ANENDOINS, OS BISCOITOS, AS AZEITONAS E SAI LIGEIRO LEVANDO O BOLO DA MESA.

AVÓ - Tire essa mulher da minha casa, vamos.

SENHORA - Não precisa ninguém me tirar que eu vou sair. HORROROSA. ANTIPÁTICA. Cravo de defunto.

SENHORA DÁ UMA BABANADA E VAI SAIR. PASSA PELA MESA E PARA. PEGA OS BOMBONS E DERRAMA DENTRO DA BOLSA DELA.

SENHORA - Vou levar isto que eu gosto muito
FECHA A BOLSA. LARGA O PRATO NA MESA E SAI,

P.A. do RAPAZ E DA AVÓ.

AVÓ - Você me inventa cada uma, menino. Cada uma... Mas então isso é gente com quem você queira casar?

APROXIMAÇÃO até G.P. de AVÓ

RAPAZ - Não foi ela, vóvó... foi a tia...

AVÓ - Sim, mas eu ainda creio naquela ditado: Dize-me com quem andas... e eu te direi quem és.

CORTE

P.A. de LILI e SENHORA, na praça, sentadas no banco, rindo e mostrando tudo que tiraram.

LILI COMEÇA A COMER, SABORHANDO

SENHORA - Vamos dividir o bolo?

LILI - Não. O bolo eu vou levar pra casa.

SENHORA - Como levar pra casa? Sagraçadinho. Então quer dizer que eu não vou comer bolo,

LILI - Não vai, não senhora. Mas não vai porque o bolo eu vou levar pra casa e você vai ficar

LILI (CONT.) deste tamanho.

SENHORA FAZ UM GESTO DE DESÂNIMO E LILI
PISCA O OLHO PARA A CÂMERA, MAROTA.

APROXIMAÇÃO até G.P. de LILI, comendo
e sorrindo.

AUDIO - SUFIXO MUSICAL

ENCERRAMENTO

FIM

LILI BIRUTA
HISTÓRIA E REALIZAÇÃO DE ÉRICO CRAMER

PERSONAGENS:

LILI.....MAREY BUENO
JORNALZIRO.....GIBSON BIDESE
MARIDO.....LUIZ CARLOS MAGALHÃES
MULHER.....NORAH FORTES
FREGUEZ.....WALTER BROCA
2º) FREGUEZ.....NELSON GIANUCA
3º) FREGUEZ.....ANTONIO LARA
4º) FREGUEZ.....JÚLIO CESAR

CENÁRIOS:

- 1º) PARQUE COM CARAMANCHÃO E BANCO.
- 2º) PACHADA DE CASA COM PORTA COM DOIS DEGRAUS
- 3º) INTERIOR DE UM INSTITUTO DE BEBIDA COM PORTA
AO FUNDO, GRANDE JANELA BASCULANTE À DIREITA
E PARQUE LISA À ESQUERDA.

DATA DA APRESENTAÇÃO.....21.6.1961

TV PIRATYNI - CANAL 5

SLIDE: (ABERTURA COMUM)

ABERTURA em: P.P. de JORNALEIRO sentado no banco do parque, os jornais em cima do banco e tãe conotado dinheiro.

- PARQUE QUEI BANCO -

AUDIO - PREFIXO MUSICAL

ILUMINAÇÃO - SOL DE MANHÃ

APASTAMENTO até P.O. de CENA.

LILI VAI PASSANDO E TÊ OS JORNAIS EM CIMA DO BANCO VOLTA E COMEÇA A OLHAR PARA ELSE E PARA JORNALEIRO AO MESMO TEMPO. AO FIM DE UM MOMENTO, PERGUNTA.

LILI - Escute, coisinha: quanto é que sai um jornal desses?

JORNALEIRO - Cinco bicos.

LILI - Cinco bicos? (SI, DISCRETA) Gosado. Eu conheço cinco pils, cinco mangos, cinco ferros, mas cinco bicos eu nunca tinha ouvido dizer.

HÁ UMA PAUSA. O JORNALEIRO CONTINUA A CONTAR O DINHEIRO SEM DAR BOLA PA A LILI. ELA ESTÁ LOUCA PARA PEGAR UM JORNAL.

CORTE

P.A. dos DOIS

LILI - É caro um jornal por cinco bicos, você não acha?

JORNALEIRO - Eu não acho. Dá muito trabalho pra fazer.

LILI - Ah, pois é... dá trabalho, isso é mesmo.. (PAUSA) Escute aqui: você não aluga jornal?

JORNALEIRO - Quem é que aluga jornal, vêsse? Não mola.

LILI - Eu sei que ninguém aluga, estou dizendo que você podia alugar.

JORNALEIRO - Eu não. Eu lá quero alugar jornal? Eu quero é vender.

EM UMA PAUSA, LILI FICA OLHANDO PARA OS JORNAIS E PARA O JORNALEIRO. ESTA CENINHA CONTINUA A SUA SÉRIA E NÃO SE DÁ POR ALGO.

(CONT.) LILI EXTENDE A MÃO DEVAGARINHO E QUANDO TOCA NO JORNAL, PARA ROUBÁ-LO, O JORNALFEIRO SENTA DEPRESSA EM CIMA DOS JORNAIS E SEM LEVANTAR A CABEÇA CONTINUA A CONTAR. LILI FICA SEM GRAÇA E SORRI AMARELO PARA A CÂMERA. PESSA, ACINTOSAMENTE NA MANEIRA DE TIRAR UM JORNAL. TEM UM LÍDIA E BOTA O DEDO NA TESTA, ALEGRANDO-SE TODA.

LILI - Escuta aqui, menino: chega pra lá que eu quero sentar aqui no banco, para conversar com você.

O MENINO OLHA SEM OLHAR PARA ELA E CONTINUA CONTANDO.

LILI - Escuta uma coisa: você já viu o circo do carequinha na televisão?

JORNALFEIRO - E a senhora acha que eu vou ter televisão na minha casa? Si eu tivesse televisão não estava vendendo jornal.

LILI - Bom, isso eu sei, mas você não precisa ter televisão pra ver, ora bolas.

JORNALFEIRO - E onde é que eu vou ver? Na sua casa?

LILI - Não, na minha ~~quaxixa~~ não que eu também não tenho, mas há tanto vitrinas com televisão na cidade... você podia ver, se quizesse. E até na televisão mesmo você podia ir, no dia do circo. Eles deixam entrar.

O JORNALFEIRO GUARDA LOGO O DINHEIRO E SE VIRA PARA LILI, INTERESSADO.

JORNALFEIRO - É mesmo? Eles deixam entrar? A senhora tem certeza?

LILI - Falso, sim. Certeza absoluta.

JORNALFEIRO - E quando é que tem?

LILI PANDA A LÍDIA DO JORNAL E ABRE.

LILI - Espera aí que eu já vejo pra você.

LILI VAI PARA OS ANÚNCIOS E COMEÇA A EXAMINÁ-LOS. O JORNALFEIRO TIRA UMA LARANJA DO BOLSO E COMEÇA A CHUPÁ-LA, APERTANDO A CASCÃO. LILI PERCEBE OS ANÚNCIOS E SE DETÉM NUM. ABRE A BOLSA TIRA UMA FOLHA DE PAPEL E COMEÇA A ANOTAR.

(CONT.) TORNI A PROCURAR OUTRO. QUANDO ESTÁ ANOTANDO O PREÇO DO JORNALEIRO ACOMPANHA O MOVIMENTO DELA, OLHA O JORNAL E TIRA-O ZANGADO, DOBRANDO-O AO TEMPO QUE FALA E JUNTANDO AOS OUTROS PARA SAIR.

JORNALEIRO - Muito bonito, não é sua vigarista? A senhora não estava vendo circo nenhum. Estava era copiando anúncios do meu jornal.

VAI SAINDO E SEMPRE FALANDO.

JORNALEIRO - Foi que não compra o jornal em vez de fazer vigarice?

LILI -(ZANGADA, FORTE) Porque não tenho dinheiro.

JORNALEIRO -(T.Q.) Vigarista;

LILI - Vigarista é a vizinha, sabe? (PAUSA) E TON) Tão pequenino e tão malcriado. Não queres ver? (PAUSA. SORRI. OULA O ANÚNCIO E LÊ) Dama de companhia de um senhor enfermo. Eu vou lá. Vou ajudar o velhinho a comer a dieta dela.

LILI LEVANTA E SAI PELA CÂMERA, OLHANDO O KNDEREÇO.

AUDIO - PASSAGEM MÁTIMA.

PUSÃO DO JARDIM VASIO PARA A PACHADA COM A PORTA FECHADA.

LILI ENTRA PELA CÂMERA E BATE A CAMPAINHA, PICOANDO A ESPERA UMA PAUSA CURTA. A PORTA SE ABRE E APARECE UM VELHOTO, DE ROBE DE CHAMBE, MANEJA NO PESCOÇO E OLHINHOS D. INVERNO.

APROXIMAÇÃO DO P. 1. dos DOIS.

LILI - Boa tarde.

MANEJO -(SUSPIRO) Boa tarde, senhorita. Que deseja?

LILI - É aqui que estão precisando de uma dama de companhia para um senhor enfermo?

MANEJO - É aqui, sim, senhorita. É aqui que estão precisando de uma dama de companhia para um senhor enfermo? É aqui que estão precisando de uma dama de companhia para um senhor enfermo? É aqui que estão precisando de uma dama de companhia para um senhor enfermo?

MARIDO --(CONT.)-- deseja ganhãr... quantas horas de trabalho darã por dia...

LILI - Ótimo. Mas diga-me uma coisa, por favor: A doença de meu senhor é... é contagiosa?

MARIDO - Não, não... que esperança... Não é contagiosa, não, senhorita, pode ficar inteiramente descurada. A doença sabe qual é? É duma. Ásma, simplesmente. Nada mais.

LILI - E ele... ele é um senhor assim já de muita idade?

MARIDO - Bem... muita, muita não se pode dizer que seja... O que é que a senhora acha de mim?

LILI - Do senhor? Por que?

MARIDO - Porque o doente sou eu.

LILI - O senhor?... Nossa... Mas o senhor é ~~uma~~ doente de que, hein?

O MARIDO RECUA UM POUCO, OLHA PARA DENTRO, CONTRA LADO, AVANÇA PARA A PORTA, DESCE UM DEGRAU E CHEGANDO PERTO DO OUVIDO DE LILI, DIZ EM TOM DE SEGREDO.

MARIDO - Eu não sou doente de coisa nenhuma; Pinço-me de doente para passar bem, entendeu?

LILI - É mesmo?

O VELHOTE TORNA A OLHAR PARA TRAZ E SACODE A CABEÇA AFIRMATIVAMENTE, TODO BERRETIDO.

LILI - O senhor é do chifre furado, hein vizinho?

MARIDO - A minha mulher tem um instituto de beleza para homens, sabe?

LILI - Para homens?... Instituto de beleza?..

MARIDO - É, sim senhora. E ganha um dinheiro. Se eu posso viver sem fazer força a senhora não acha que seria burrice minha trabalhar?

LILI - Ah, não não. Isso não pontos de vista.

MARIDO - Ah não. Então, para justificar a sua vida eu digo que sou doente porque a

BARBARA (CONT.) - Não, não vou o coração.
Mas o que eu quero é saber a verdade não
sobre o colar, não?

LILLIAN - Ah, querida, para o que você quer
saber? Não se preocupe. Não se preocupe.
Não se preocupe. Não se preocupe.
Não se preocupe. Não se preocupe.

LILLIAN - Não se preocupe, não se preocupe.

BARBARA - Não se preocupe, não se preocupe.
Não se preocupe, não se preocupe.
Não se preocupe, não se preocupe.

LILLIAN - Não se preocupe, não se preocupe.
Não se preocupe, não se preocupe.

LILLIAN - Não se preocupe, não se preocupe.

BARBARA - Não se preocupe, não se preocupe.
Não se preocupe, não se preocupe.
Não se preocupe, não se preocupe.

LILLIAN - Não se preocupe, não se preocupe.

BARBARA - Não se preocupe, não se preocupe.

LILLIAN - Não se preocupe, não se preocupe.
Não se preocupe, não se preocupe.
Não se preocupe, não se preocupe.

BARBARA - Não se preocupe, não se preocupe.
Não se preocupe, não se preocupe.
Não se preocupe, não se preocupe.
Não se preocupe, não se preocupe.
Não se preocupe, não se preocupe.
Não se preocupe, não se preocupe.
Não se preocupe, não se preocupe.
Não se preocupe, não se preocupe.

LILLIAN - Não se preocupe, não se preocupe.

BARBARA - Não se preocupe, não se preocupe.
Não se preocupe, não se preocupe.
Não se preocupe, não se preocupe.

LILLIAN - Não se preocupe, não se preocupe.
Não se preocupe, não se preocupe.

LILLIAN - Não se preocupe, não se preocupe.
Não se preocupe, não se preocupe.
Não se preocupe, não se preocupe.
Não se preocupe, não se preocupe.

MULHER - Não, mas eu sei. Também aguentando esta porcaria e vinte e sete anos a senhora acha que eu não ia conhecê-lo. Dê traz pra diante e de diante pra traz. Olhe, eu sou capaz de dessemear toda esta porcaria e depois botar, de olhos fechados, cada peça no seu lugar.

LILI - É mesmo?

MULHER - Ah sou. É, mas não vamos perder tempo em falar desta porcaria. A senhora sabe que é porcaria mesmo? Que não vale nada, no duro?

LILI - É, a gente calcula. Nenhum deles, pra falar a verdade, vale grande coisa e esse então parece que ainda vale menos. Bem, mas eu acho que eu vou embora, sabe? Eu vinha procurar um emprego mas já vi que aqui eu não posso ficar.

MULHER - Pode, sim. Pode porque eu tenho outro emprego no meu instituto masculino de beleza. Eu lhe dou o emprego lá. A senhora tem boas aparências, vai atrair muita freguesia. Olhe, vamos entrar para combinar tudo lá dentro e se a senhora quiser já pode começar amanhã mesmo. Entre, entre.

A MULHER SOLTA O MARIDO PARA O LADO E FAZ LUGAR NA PORTA PARA LILI PASSAR. ELA PASSA PARA DENTRO. QUANDO A MULHER VAI ENTRAR O MARIDO SE ADIANTA E ELA SE INTERPÕE NA FRENTES DELAS.

MULHER - Onde é que você vai?

MARIDO - Vou lá para dentro, Florisbela.

MULHER - Vai lá para dentro coisa nenhuma. Você vai ficar aqui, de castigo, na porta da rua até a moça sair. Depois que ela tenha saído é que você vai entrar para apárrar uma surra.

MARIDO - Uma surra, Florisbela? Olhe a minha cara, não se esqueça.

MULHER - Não me interessa. Hoje, com asma ou sem asma, você vai spanhar que é para aprender a não ser semvergonha. E você não pense que vai ter empregada moço, não. Já de ser preta, valha e desdentada.

MARIDO - (HORRORIZADO) Desdentada, Florisbela? Desdentada?

MULHER - Desdentada, sim. Se for possível eis não terá nem gengivas.

MULHER ENTRA E BATE A PORTA COM FORÇA NA CARA DO MARIDO QUE RECUA BRUSCAMENTE E SE VIRA PARA A CÂMERA COM A MÃO NO NARIZ.

MARIDO - Estão vendo? Isso é a consequência da mulher ser mais forte que o marido. Por isso eu vou dar um conselho a vocês, rapazes. Não caiam na esparrela que eu caí. Não casem com mulher mais forte. Não caiam nessa seneira. A gente spanha pelo que faz e pelo que não faz.

APROXIMAÇÃO até G.P. de MARIDO.

AUDIO - PASSAGENS MUSICAL

FUSÃO com G.P. de MARGARIDA.

APASTAMENTO até P.M. de MARGARIDA.

PUBLICIDADE COMERCIAL

Ao terminar.....

APROXIMAÇÃO até G.P. de MARGARIDA.

AUDIO - PASSAGENS MUSICAL

FUSÃO com G.P. de LILI, ao lado de uma cadeira de barbeiro.

- INTERIOR DE UM INSTITUTO DE BELEZA.

FREGUEZ (Walter Broda) Está sentado na cadeira (PODE SER TAMBÉM MANO BASTOS) Com os cabelos todos revoltos.

FREGUEZ - Eu tenho uma cabeleira muito forte. Sempre tive. Agora é que de vez em quando se caem uns dois ou três fios de cabelo. Mas também é de vez em quando e não mais que dois ou três fios.

LILI - Ah, mas nós temos uma loção aqui, que é fórmula minha, e depois de eu lhe fazer um quatro aplicações, garanto que não lhe cai mais nenhum fio.

CORTE

P.A. dos TRES FREGUEZS sentados.

2º FREGUEZ - Eu vou querer usar a sua fórmula, senhorita. Estou perdendo muito cabelo.

3º FREGUEZ - Eu também. E tenho certeza que se a fórmula não fizer nascem cabelos, as suas mãosinhas mágicas não de, pelo menos, arrepiá-los.

4º FREGUEZ - Ai. si... (DÁ UM SUSPIRO BEM ESCANDALOSO)

CORTE

P.A. de LILI e FREGUEZ

CORTE

P.A. de 4º FREGUEZ

LILI - O senhor está sentindo alguma coisa?

4º FREGUEZ - Emoção, senhorita, emoção. Eu sou muito sensível à beleza, entende?

CORTE

P.A. de LILI e FREGUEZ

FREGUEZ - Bem, mas vamos ao que serve. A senhora vai me fazer a aplicação da sua fórmula ou não vai?

LILI - Não sei, se o senhor quiser eu faço, mas já vou avisando que não é barato.

FREGUEZ - Isso não importa. Desde que evite a queda dos meus cabelos, o resto é secundário.

LILI - Ah, que evita, evita. O senhor vai ver só.

LILI PEGA UM VIDRO GRANDE DE LOÇÃO E COMEÇA A SACUDI-LO SOBRE A CABEÇA DO FREGUES, ESFREGANDO-LHE OS CABELOS. ELE FAZ CARAS HORROROSAS DE DOR POR CAUSA DOS REPUXÕES. ELA NÃO SE DÁ CONTA E VAI FAZENDO. ENTRA PELA CÂMERA A MULHER QUE VAI AO CABIDE E BOTA UM AVENTAL. VEM PARA OS VELHOS SENTADOS E PERGUNTA.

MULHER - Qual é o que está primeiro?

2º FREGUEZ - (RÁPIDO) Eu não sou.

3º FREGUEZ - Nem eu.

4º FREGUEZ - Eu também não.

MULHER - Ah, é? Ah é? Então entrarem os tres juntos?

2º FREGUEZ - Iato.

3º FREGUEZ - Exatamente isto.

4º FREGUEZ - Precisamente isto.

MULHER - Bem, então nesse caso eu vou tirar a sorte para ver qual dos tres é que eu vou atender primeiro.

2º FREGUEZ - A senhora pode me excluir desse sorteio porque eu vou fazer uma aplicação da fórmula da senhorita.

3º FREGUEZ - Eu também vou. Está me caindo muito cabelo.

MULHER - (PARA O 4º) E o senhor também, não é? Nestas alturas o senhor já deve estar quasi careca?....

4º FREGUEZ - Justamente. Exatamente. Precisamente.

MULHER - Eu já vi tudo. (PARA LILI) Senhorita, estes tres "cavalheiros" não esperar por você. (FAZ SINAL DE DINHEIRO COM A MÃO) Carregue na aplicação, está ouvindo? Eles precisam levar uma fricção bem forte no couro

CORTE

P. A. de LILI E FREGUEZ.

LILI PISCA O OLHOS, MAROTA, PARA A MULHER.

LILI - Não tem dúvida. Pode deixar que eu faço a fricção. Garanto-lhe como eles vão ficar com o couro ardendo.

FREGUEZ - Mas precisa esfregar tanto assim, senhorita? Há necessidade de ser uma fricção tão forte?

LILI - Naturalmente. Quanto mais forte for a fricção... mais rende.

NA PALAVRA RENDE PISCA O OLHO PARA A MULHER,
COM EXPRESSÃO SIGNIFICATIVA.

CORTE

P. A. de MULHER.

MULHER - Bem...então se eu não tenho a quem atender, vou me sentar e ler o meu romance.

A MULHER VAI PARA A CADEIRA QUE HÁ NA CAIXA REGISTRADORA, SENTA, PEGA UM ROMANCE E COMEÇA A LER.

PAN. HOR. pelos tres velhotes, olhando encantados e sorridentes para Lili que está trabalhando.

LILI AO DAR COM UM OU COM O OUTRO FAZ UM SORRISO DE BOCA QUADRADA, BEM FORÇADO, BEM SEM VONTADE E SEGUE A SUA FRICÇÃO.

A PANORÂMICA SE DETEM UM MOMENTO EM LILI E SORRIDENTE E VOLTA PARA OS VELHOTES. —

4º FREGUEZ - É encantadora... Seu sorriso lembra um estorjo que se abriu e deixou ver um colar de pérolas....

3º FREGUEZ - Ela é tão linda, tão linda... que é um convite ao deslize. Obrigá-nos a descer da nossa dignidade de senhores sóbrios e corretos, para dirigir-lhe um galanteio.

2º FREGUEZ - Ela é linda demais, efetivamente. Tão linda que nem sei de deva classificá-la como anjo...ou demônio.

CORTE

P.A. de LILI e FREGUEZ

LILI - Está pronta a sua aplicação. Agora o senhor pode ir embora e voltar na próxima semana pra fazer outra vez.

FREGUEZ - Está pronto?

LILI - Está, sim senhor.

FREGUEZ - E posso ir?

LILI - Pode, sim senhor.

FREGUEZ OLHA A SUA CABEÇA NO ESPELHO. ESTÁ COM OS CABELOS TODOS REVOLTOS E EM PÉ.

FREGUEZ - Mas assim?

LILI - Bom... quer dizer... não precise ir assim, se o senhor quiser se pentear... pode.

FREGUEZ - Mas... e senhora não penteia?

LILI - Si eu penteio? Bom... eu posso pentear, não é? Mas cobro separado.

FREGUEZ - Pode pentear, eu pago. Não me importo.

LILI COMEÇA A PENTEAR O FREGUEZ. FAZ UM PENTEADO QUE É O SUPRA SUMO DA EXQUISITICE.

CORTE

P. A. de MULHER.

MULHER - Aquele freguez já está terminando. Agora é que eu quero ver quem é o primeiro. Se vocês entrarem juntos, vão ter que decidir de qualquer jeito esta parada.

AFASTAMENTO até enquadrar os TRES VELHOTES.

2º FREGUEZ - Foi eu o primeiro. Cheguei um passo antes.

3º FREGUEZ - Não senhor, não foi você. Foi eu. Eu cheguei meio passo antes do seu passo antes.

4º FREGUEZ - Pois eu cheguei...

MULHER -(CORTA) Já sei. Chegou um quarto de passo antes do meio passo antes do passo antes não foi?

4º FREGUEZ - Justamente. Exatamente. Precisamente.

MULHER - Pois olhem, eu acho que o melhor de tudo é vocês decidirem a parada no paizinho que é pra não dar bolo.

2º FREGUEZ - Muito boas ideias. Muito boas ideias.

PEGA UMA CAIXA DE FÓSFORO, QUE TIRA DO BOLSO, ABRE E DISTRIBUI TRES FÓSFOROS PARA CADA UM.

CORTE

P. A. de LILI e FREGUEZ.

LILI TERMINA O PENTEADO E OLHA UM POUCO DE LONGE.

LILI - Pronto. Está ótimo.

O FREGUEZ SE APROXIMA DO ESPELHO E OLHA COM CARA DE QUEM NÃO GOSTOU.

FREGUEZ - A senhora acha?

LILI - Claro que acho. É o penteado da moda. O senhor está ótimo.

FREGUEZ - Pareço um quero-quero resfriado.

LILI - Não conversa, velhinho, que eu tenho muita gente pra atender. Paga lá na caixa dois mil cruzeiros e volta na semana que vem?

FREGUEZ - Dois mil cruzeiros?....

LILI - É. Eu avisei que era caro, não avisei? O senhor quiz fazer, agora tem que pagar.

FREGUEZ - Bem, mas a senhora compreende...

MULHER ENTRA EM QUADRO E VAI LEVANDO O FREGUEZ PARA A CAIXA AS BARRIGADAS.

MULHER - Ela compreende, sim. A questão é que os seus cabelos valem muito mais do que isto; não valem? Pois então esqueça o preço que afinal é uma insignificância e lembre-se que garantirá os seus cabelos na sua cabeça para o resto da sua vida.

ENQUANTO FOI FALANDO ISTO A MULHER LEVOU FREGUEZ ATÉ À CAIXA, METEU-LHE A MÃO NO BOLSO, TIROU-LHE A CARTHEIRA, RETIROU DELA OS DOIS CONTOS E TORNOU A BOTÁ-LA NO BOLSO DO FREGUEZ. ESTE OLHA TUDO ESTU PREFACTO DÁ DE OMBROS E SAI PELA CÂMERA.

LILI - (CHAMA-O) Psiu... como é?

FREGUEZ ENTRA DE NOVO EM QUADRO E VAI PARA ELA.

FREGUEZ - Que é o que?

LILI - (EXTENDE A MÃO) E gorgeta não se usa mais nesta terra?

FREGUEZ - Ah, é verdade. Desculpe que eu havia esquecido.

LILI - É mas não tem importância porque eu lembro.

APROXIMAÇÃO até C.P. de LILI, confirmando a gorgeta e piscando o olho para a câmera.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA.

ESCURCIMENTO BREVE.

NOTA: Neste escurcimento os três personagens desaparecem e LILI tira do corpo sua o avental. MULHER pega a bolsa e chapéu e vai entrando no Instituto, pendurando as duas coisas no cabide.

LILI - (VESTINDO O AVENTAL) Está um dia feio hoje.

MULHER - É sim. Vamos ter chuva e não demora.

MULHER SENTA NAS CADEIRAS DE ESPERA E TIRA OS PÉS DOS SAPATOS, MEXENDO OS DEDOS.

MULHER - Meus calos estão gritando que é coisa séria. Quando eles começam assim eu já sei.

LILI CAI INHA PARA O CALENDÁRIO PEQUENO QUE ESTÁ SOBRE A MESA OU PARA UM DE PAREDE, SE HOUVER OLHA.

LILI - Chi....Hoje o dia não vai ser bom.

MULHER - Por que?

LILI - Estou vendo aqui que é sexta feira treze e eu tenho um azar com este número que só vendo.

MULHER - Eu também não gosto.

LILI - A senhora pode ver que sempre que a gente chega já tem dois, tres velhotes esperando. Hoje não tem ninguém.

MULHER - É mesmo.

LILI - Eu até achava melhor que a gente fechasse o instituto hoje e não desse expediente.

MULHER - Não. mas isso não porque também assim eu tenho prejuizo.

LILI - Mãe Mas não adianta, dona Espoletta, a senhora vai ver.

MULHER CALÇA OS SAPATOS E VEM PARA LILI COM AS DUAS MÃOS NA CINTURA, AGRADADORA.

MULHER - Escuta aqui, menina: faz quasi dois meses que você está trabalhando na minha casa e ainda não aprendeu o meu nome? Você faz isso porque é burra mesmo ou para me irritar? Meu nome é Risoleta. De Risoleta pra Espoletta me parece que existe alguma diferença, não é verdade? Ou será que não existe?

LILI - Existe, sim, eu sei que existe, mas

LILI - (CONT.) acontece que na hora de dizer eu não me lembro e digo trocado. Quer ver como eu sei? Eu lhe chamo de Espoleta, mas o seu nome mesmo é Taboleta, não é isso?

MULHER - Taboleta é o diabo que o carregue. Nenhum nome não é Taboleta, coisa nenhuma. É Risoleta. Lembre-se do riso... Lembre-se de uma gargalhada e se lembrará do meu nome. Eu gosto muito de você... gosto muito do seu trabalho... a senhora tem dado grande lucro ao meu negócio mas essa história de trocar o meu nome vinte vezes por dia me deixa por conta do Bonifácio. Faça o favor de botar sentido para acabar com essa história.

LILI - Eu não disse que hoje estou carregada? Eu não gosto do dia treze. Me dá um azar que não é normal. (TOM) Mas não há de ser nada, não, a senhora vai ver. Agora a senhora me mostrou a maneira de me lembrar mais facilmente do meu nome. É só lembrar do riso... da gargalhada... e pronto está garantido. Mas vamos mudar de assunto, dona Gargalheta.

MULHER - Dona o que?. Como foi que você me chamou agora?...

LILI - Pois a senhora não disse para eu pensar em gargalhada? Eu pensei e saiu Gargalheta. Não está certo?

MULHER - Não está, não está errado. E de agora em diante, para acabar com essa história, você não diz mais o meu nome, pronto

LILI - Pois não digo. Não faço questão de dizer, vizinha.

ENTRA PELA CÂMERA O FREGUEZ PORMEN DE CHAPÉO NA CABEÇA. SE APROXIMA BEM DE LILI E CUMPRIMENTA. ELE ESTÁ BEM SERIO. ELA RISOZIA É AMAVEL.

FREGUEZ - Bom dia.

LILI - Bom dia, como vai o senhor? Então vai fazer a sua saloaçãozinha?

FREGUEZ - Não senhora. Vin fazer uma coisa que termina em ão mas não é aplicação. É uma reclamação.

LILI - Reclamação?... Por que? O que foi que aconteceu que o senhor não está satisfeito?

FREGUEZ - O que foi que aconteceu? A senhora quer mesmo saber?

APROXIMAÇÃO até P.P. de FREGUEZ

LILI - Mas naturalmente que ~~quer~~ quero.

O FREGUEZ TIRA O CHAPÉO UM MOMENTO E MOSTRA A CABEÇA COMPLETAMENTE CALVA.

FREGUEZ - Pois então veja o resultado das suas aplicações.

AUDIO - ACORDE TRÁGICO E DE GUSTO.

CORTE

P.P. de MULHER, levando a mão à boca, assustada.

MULHER -(MIA VOZ) Nossa. O velho parece um galo pestado.

CORTE

P.A. dos DOIS

LILI ESTÁ ATRAPALHADA, ENGOLINDO EM SECO E SONRINDO AMARELO, SEM SABER O QUE DIZER.

FREGUEZ - Lembra-se da cabeleira que eu tinha lembra-se? O que é que a senhora me diz a isto? Um mez depois veja como fiquei.

FREGUEZ BOTA COM RAIVA O CHAPÉO NA CABEÇA.

LILI - Olhe aqui, o senhor quer saber de uma coisa? Espere mais um mez que o senhor vai ficar surpreendido do que vai acontecer.

FREGUEZ -(FURIOSO)vão me cair as últimas fias, não pe isto?

LILI -vão: Mas estas duas semanas caíram todos. Mas tem que cair mesmo.

FREGUEZ - Tem que cair por que?

LILI - Para dar lugar aos outros que vão nascer. Daqui a um mês o senhor vai voltar aqui e vai me agradecer. Vai ser tanto cabelo que o senhor vai pedir pra fazer pagar. Um cabelo lindo... macio... lustroso...

FREGUEZ - É mesmo? A senhora não está me enganando?

LILI - Se eu estou dizendo...é porque sei. Vai por mim, velhinha que tú vai bem.

FREGUEZ - Pois bem, eu vou esperar então. No dia 13 do mes que ven eu apreço. E se a coisa não for como a senhora está dizendo...vai ter.

FREGUEZ SAI PELA CÂMERA. LILI OLHA PARA A MULHER.

LILI - Eu não disse que o dia 13 me dá saor?

MULHER - E que quero ver o que é que você ven fazer quando ele voltar daqui a um mês.

CORTE

P.P. de LILI

LILI - Bom...daqui a um mês a senhora arran ja outra desculpa a dá.

CORTE

P.P. de MULHER

MULHER - Eu, não. Arranje você. Eu não te- nho nada que ver com isto. Eu lavo as minhas mãos como o Herodes.

CORTE

P.A. das DUAS.

LILI - Mas não foi o Herodes que levou as mãos, foi o Pilatos.

MULHER - Mas o Herodes também deve ter lavado e se não lavou é porque era porco e eu não tenho nada que ver com isto. Quem vai atender o velhote no proximo dia 13 - é você.

CORTE

P.P. de LILI

LILI FAZ SINAL PARA CÂMERA QUE NLA NÃO. FAZ SINAL QUE VAI DAR O FORA. FAZ FECHO ROLAIR. PISCA O OLHO, SORRI, DÁ UM ADEUSINHO RÁPIDO.

AUDIO - SUFIXO MUSICAL

ESCURECIMENTO.

FIM FIM FIM FIM FIM FIM FIM FIM FIM FIM

